LOURENÇO CARDOSO



ISRAEL EGYPT

deuses e pragas

Prefácio Rev. Pr. Dr. Samuel C. Ferreira

editora HEXA

Lourenço Cardoso

Israel Egypt
deuses e pragas

Lourenço Cardoso

Israel Egypt
deuses e pragas

ISBN: 978-85-6606411-7

SÃO PAULO
03/09/2013

Editora Hexa

© 2012 by Lourenço Cardoso

Todos os direitos reservados, nem uma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação, etc. sem prévia autorização do autor.

1.º Revisor:
Coordenação editorial
Revisão Final
Editora Hexa.

Capa:
Everton Araújo

Projeto Gráfico e Diagramação:
Everton Araújo

Dados internacionais de catalogação na publicação.

Lourenço Cardoso, 1951, Israel Egypt deuses e pragas
Lourenço Cardoso – São Paulo – SP – 2013
ISBN: 978-85-6606411-7

Contatos com o autor:

lourencocardoso@terra.com.br
+ 55 11 98134-5397
0xx11 3854 8413
0xx35 9 99630894

ÍNDICE

I – Um presídio em alvoroço
II – Palácio em pânico.
III – Sala de Reuniões
IV – Resgate do Preso
V – O encontro com Faraó
VI- Interpretação do sonho
VII – O suspense
VIII – O preso, o primeiro ministro
IX – Breve história
X – Como é lá
XI – Os deuses
XII – Para lá foi o povo de Israel
XIII – Jacó visita Faraó e o abençoa
XIV – Administração de José
XV – Crise para os hebreus na terra de Misraim
XVI – Aparece um libertador
XVII – Apófis – Primeiro deus atingido
XVIII – Nilo - O segundo deus atingido
XX – Sekhmet – Quarto deus atingido
XXI – Anúbis – Quinto deus atingido
XXII – Ptha – Sexto deus atingido
XXIII – Seth – Sétimo deus atingido
XXIV – Amom – Oitavo deus atingido
XXV – Set – Nono deus atingido
XXVI – Rá – Décimo deus atingido
XXVII – Deus anuncia a décima praga
XXVIII – Décima Praga
XXIX – Conclusão

Posfácio
Bibliografia

PREFÁCIO

“A História é vital para a formação da cidadania porque nos mostra que para compreender o que está acontecendo no presente é preciso entender quais foram os caminhos percorridos pela sociedade”- Boris Fausto.

E é por isso que eu amo História!

Eu li, gostei e recomendo. Lourenço Cardoso consegue ser criativo e também elucidativo em suas abordagens. Seu livro Israel Egypt - Deuses e Pragas é uma obra imprescindível para àqueles que querem nadar nas águas profundas do conhecimento bíblico.

O autor traz informações históricas sobre duas figuras emblemáticas do Antigo Testamento: José e Moisés, além de destacar, com muita propriedade, os efeitos devastadores causados pelas dez pragas enviadas por Deus ao Egito.
Aprendemos ainda que, à medida que Deus punia o Egito com suas pragas, Ele estava colocando em descrédito os deuses do Egito.

Infelizmente, poucos conhecem um importante aspecto dos planos de Deus para aquele povo e para os nossos dias. Além da principal finalidade, relatada na Bíblia, que foi a libertação do povo de Israel, cativo do Faraó, as 10 pragas tiveram grande importância sobre os habitantes do Egito. Deus estava desafiando os deuses egípcios. E como se deu isso? A resposta é simples. Imagine: Por que rãs, gafanhotos, águas em sangue, chuva de pedras e outras pragas? O certo é que Deus queria falar algo mais. O Deus de Israel estava se revelando ao Seu povo e ao Império Egípcio. Cada praga era direcionada a divindades, conforme a credibilidade do povo em

confiar nesses ‘falsos deuses’. Lourenço Cardoso está de parabéns, por essa mais indispensável obra histórico-teológica.

Ótima leitura!

Reverendo Samuel Ferreira[1]
Presidente da CONEMAD-SP

PREFÁCIO

Para enriquecer nosso tão pequeno conhecimento sobre a história do Egito, contamos com mais uma obra do escritor Pr. Lourenço Cardoso.

É estranho me referir ao meu Pai como Pastor o tempo todo, mas hei de tentar, ao menos na parte escrita, afinal tenho grande honra e respeito em ser filha de um homem temente a Deus, que seguiu o mandamento bíblico de me ensinar o caminho em que devia andar, e hoje continuo e continuarei firme seguindo a Cristo, levando comigo minha geração.

Não me dei conta ainda sobre os motivos que levaram o citado Pastor a escolher-me para prefaciar seu livro, sendo que por conhecê-lo a vida toda, afinal sou sua filha, poderia muito bem elogia-lo simplesmente.

Mas não! Meu Pai ou Pastor Lourenço Cardoso, vive a me surpreender, primeiro com o Romance “A Família Ideal”, lançada em 2012, agora com esta obra que você leitor tem em mãos.

O autor consegue transmitir através das linhas e páginas deste livro a história do Egito, sim aquele Egito antigo repleto de mistérios, com suas múmias, tumbas, pirâmides e deuses, e o faz de forma suave e ao mesmo tempo profunda, que me envolveu na leitura de forma tão intensa que por vezes pareceu-me que as épocas eram as mesmas, tamanha a semelhança com os dias atuais, as consequências dos erros cometidos, da falta de reflexão antes das tomadas de decisões, da culpabilidade transferida, do comodismo, entre outras atitudes que refletem na sociedade, seja esta atitude boa ou má.

Pude perceber através da leitura que ao desvendar os enigmas daquela época entendi muito do que acontece nos tempos atuais. Deus está a manifestar sua presença o tempo todo, e se faz necessário que identifiquemos este fato, e só conseguiremos através do contato sincero com ele.

Prezado leitor, este livro lhe oferece um relato dos acontecimentos da época de vida de José, Jacó, Moisés, Faraó, o povo de Israel, as pragas sofridas por aquele povo e seus deuses, e tudo contado de forma simples e de fácil entendimento para enriquecer ainda mais nossas vidas.

Por fim, ao Senhor, meu Pai, a honra foi toda minha, quando que eu, professora de Língua Portuguesa na rede Estadual desta cidade poderia imaginar poder prefaciar uma obra como esta, rica em seus objetivos, só posso agradecer poder, antes do público leitor, encantar-me com o que li aqui.

Cleuman Márcia Cardoso Grandi[2]

CARTA AO LEITOR

O nosso Pastor Lourenço, da Assembleia de Deus do Morro Grande/Brás, Min. Madureira, depois de longa investigação e observar no seu livro anterior, “A Família Ideal”, a estrutura familiar que vigorava na época do Antigo Testamento, agora nos faz um relato bíblico sobre as pragas que caíram sobre a civilização mais poderosa da Idade Antiga, o Egito.

Ao mesmo tempo em que aborda o Egito pelo viés religioso, “Israel - Egypt deuses e pragas” o escritor mostra também um pouco da intrigante, e até mesmo fascinante, devoção à idolatria e traça um paralelo histórico que serve muito bem de exemplo para os nossos dias: como o culto à personalidade, a paixão por ídolos, imagens e costumes pode ser prejudicial ao mundo que nos rodeia.

Numa linguagem simples, direta, recheado de passagens para consulta e informações sobre este belíssimo país, Lourenço Cardoso finaliza o livro nos convidando a refletir sobre a importância bíblica do Egito antigo até os tumultuados dias atuais.

Tenho certeza de que “Israel - Egypt deuses e pragas” será muito importante na sua vida, seja por seu caráter informativo ou por suas revelações históricas cheias de fé, busca e superação.

Tenha uma boa leitura!

Marco Aurélio Clerris[3]
Ex-membro da AD Morro Grande, congrega atualmente na AD Eloy Chaves, em Jundiaí/SP.

CARTA AO LEITOR

Sinto-me honrado em poder, mais uma vez, fazer minhas considerações de mais um lindo e importante trabalho do amigo e escritor, Pastor Lourenço Cardoso.

A exemplo do livro “A família Ideal”, o amado leitor tem em mãos agora mais uma joia rara da literatura, “Israel Egypt deuses e pragas”, que ao ler fiquei surpreso com as informações que o trabalho apresenta.

Tenho certeza que para os leitores das Sagradas Escrituras, os acontecimentos narrados no livro de Gênesis e Êxodo, envolvendo o desenvolvimento da história do povo de Israel, é um dos que mais os impressionem, porém talvez você ainda não tenha observado com detalhes o contexto de idolatria em que o povo viveu, além da grandeza que era o Egito.

O Pastor Lourenço Cardoso, com muita propriedade, traz neste belo trabalho uma riqueza de conhecimento e detalhes que muito o ajudará a compreender melhor todo esse contexto...

Tenha certeza, eu fui enriquecido!

Portanto, amado leitor, parabéns pela escolha deste livro, seja agora agraciado ao discorrer por estas páginas e descubra também que por detrás de um grande povo, houve com certeza o agir de um grande Deus.

Deus o abençoe!

Pr. Edvaldo M. Rodrigues [4]

AGRADECIMENTOS

Quando escrevi o romance “A Família Ideal” publicado em 2012, a primeira pessoa que foi surpreendida, fui eu mesmo, agradeci imensamente ao meu amado SENHOR E SALVADOR JESUS CRISTO, que tinha dado a mim aquela oportunidade, e pela imensa paciência que teve comigo, naquela ocasião. Hoje, digo da sua paciência, amor e tolerância comigo reiterado, dando-me a oportunidade de publicar o segundo Livro, este muito mais voltado para o público amante das Escrituras Sagradas, da Pesquisa e da História.

Foi mais difícil, muito mais. As pessoas que foram envolvidas foram em número maior ainda...

E são a elas que quero dirigir estas palavras. Permita-me falar um pouquinho e primeiro de uma pessoa, d. Lia da Gloria Cardoso, não costumo chamá-la assim, mas, ela se sente bem, e isto me faz sentir feliz e bem melhor.

Jesus a colocou ao meu lado uma pessoa de uma sapiência incrível, que é minha esposa. Lia muito obrigado pela paciência e por ler os rascunhos e mantê-los ao alcance de sua mão no criado mudo. Estou vaidoso, muito vaidoso por merecê-la.

Aos nossos filhos: Cleber, e Lourenço Jr. que leram e me incentivaram a levar adiante mais este projeto e publica-lo.

Sei que eles não ficarão enciumados nem a Cleuman se sentirá subtraída desta menção, falarei dela adiante.

Prefacio

Grandes amigos penhoraram seus nomes nesta obra: Pr. Dr. Ailton Muniz de Carvalho, que dispensa comentários pelas grandes obras publicadas, que tem servido a mim como fonte de grande inspiração. Amigo, muito obrigado!

Ao meu pastor, Rev. Dr. Samuel Cássio Ferreira, que sem qualquer hesitação prefaciou este Livro; pastor, meus agradecimentos sinceros, falar de você pastor Samuel faltam-me palavras, muito obrigado mesmo.

À prof.ª Cleuman Marcia Cardoso Grandi, se juntou ao Dr. Ailton Muniz de Carvalho e ao Rev. Pr. Dr. Samuel Cássio Ferreira e trouxe um toque muito família para nosso Livro, e com o seu dia-a-dia, enriqueceu ainda mais esta obra. A um casal que sem a devida preocupação me geraram: o Sr. Antonio Cardoso Filho e d. Maria de Oliveira Silva. Ele falou-me que ia primeiro e nós nos encontraríamos lá. Ela continua muito viva, para nossa alegria.

Aos casais, engenheiro Edvaldo Manoel Rodrigues Odete e Marco Aurélio Clerris e sua querida Cybthia, eles com cartas ao leitor.

Todos os membros da Igreja Assembleia de Deus em Morro Grande, onde pela infinita misericórdia de Cristo estou como pastor dirigente.

O autor.

Opinião do autor.

Por interferência da natureza, da vontade de um ser superior, dos astros, ou pela vontade do ‘SENHOR DOS EXÉRCITOS’, tendo em vista o comportamento dos homens, e a forma dos mandatários conduzirem seus súditos, os países passam por crises, e muitos se perguntam:

O que o governo vai fazer para amenizar nosso sofrimento, ou: como vamos viver se realmente isto se confirmar?

E tornaremos vítimas das catástrofes que estão sendo anunciadas?

De quem é a responsabilidade? Bem, pelo que se parece, e se sabe, todo governante, tem responsabilidade pelo bem-estar do seu povo, isto é; se eu não estou enganado.

No entanto, o comportamento de um povo nem sempre é de responsabilidade total do governo, ou unicamente de um Presidente da República de um país, de um Rei, de um Ditador ou de um Faraó.

Nos nossos dias, a responsabilidade, parece não ser de ninguém, o individualismo decorrente da ideia que o ser humano precisa se realizar, e que a realização deve acontecer a qualquer custo, e em grande parte nos poderes constituídos, não se vislumbra preocupação com o bem estar de um povo, ou pouco se materializa em favor das massas, assim elas vivem em completo ceticismo e desacreditam de tudo e de todos, assim até parece que

a melhor maneira de viver a vida, é em grupo e completamente sozinho em seu meio.

No caso que estamos apreciando superficialmente, o país é um dos mais queridos, visitados e enigmáticos do mundo, O EGYPT.

Com sua cultura milenar, sua mitologia, seus deuses, suas pirâmides, seu rio, seu povo, seus faraós, suas múmias, provavelmente não será possível excluir ao conhecimento humano tantas informações que agregam valores, passando de largo e deixando para trás todas essas maravilhas, empobrecendo assim as mentes.

O faraó, considerado filho dos deuses, estava perturbado, transtornado, como que alucinado. Sonhara dois sonhos distintos e estranhos, de sentido misterioso. No primeiro, ele via sete vacas gordas, e bonitas saindo do rio Nilo, seguidas por sete vacas, magras, disformes, ou comumente como são classificadas de: feias.

E, a despeito de que bovinos são animais herbívoros, as sete vacas magras e feias devoravam com ferocidade (comiam) as sete vacas gordas e bonitas.

Fatos estes perturbaram muito a mente e o coração do Faraó. E, sua preocupação não era ocasionada por qualquer possibilidade de indisposição estomacal.

No segundo ele via sete espigas bonitas e cheias de grãos, surgindo de uma haste, seguidas por sete espigas feias e mirradas.

A mesma sena foi vista nas contemplações e nas suas visões noturnas, ou nas suas perturbações de espírito, as sete espigas feias e mirradas comiam as sete espigas bonitas e cheias de grãos.

A confusão na mente e coração do Faraó se tornou ainda mais perturbadora, e, aumentou sobremaneira, porque espigas pelo que se sabe não se alimentam de outras espigas, e sim são sustentadas pelo tronco, ou caule que remete a seiva e nutrientes para todas as extremidades da árvore ou da planta, e assim os frutos se desenvolvem.

Para o Faraó, o rei e mandatário do Egypt, naquele momento eram apenas uns ‘sonhos’.

As espigas miúdas devoravam as sete espigas grandes e cheias[5]. Então, acordou faraó, eis que era um sonho.

O dia amanheceu como outro dia qualquer, ou quase como outro dia qualquer, o desjejum do faraó não foi apetitoso como nos dias anteriores, apesar de serem servidos os manjares contidos no cardápio para a alimentação matutina daquele dia.

Destarte, tomar conhecimento dos assuntos do reino, reunião ministerial, assuntos novos e pendentes de reuniões anteriores, não; todos deveriam ficar na mesa, para dias futuros e em outras reuniões. Urge na pauta do dia, era a determinação do mandatário.

Opinião do autor

I – Um presídio em alvoroço

Não é assunto novo nas sociedades atuais quando se ouve; se fala, se lê, escreve ou vê reportagens sobre crises em presídios, número excessivo de presos em espaço construído para um número bem inferior, ouve-se de rebeldia entre presos na maioria das cadeias públicas nas grandes e até mesmo nas pequenas cidades, e na maioria das vezes isto é visto com tamanha passividade, que parece não dizer respeito aos governantes nem mesmo à sociedade.

Recolhemos e ficamos dentro das nossas casas, com nossas grades, telas de arame, cercas elétricas, alarmes, cães ferozes, guardas em cabines, câmeras, guardas em movimento, portões eletrônicos, e outros meios que nos pareça oferecer um pouco de tranquilidade, tornamos reféns do sistema.

No entanto, eles; por força de lei, prêmio de bom comportamento, ou por beneplácito de alguém, são colocados nas ruas em datas específicas, com tempo determinado de voltarem, mas, muitos tiram proveito do benefício, e não voltam, e outros, às vezes se deixam levar pela liberdade e erram novamente.

A Bíblia Sagrada nos premia com quatorze capítulos[6], dos quais apenas um não fala de um jovem, um dos filhos de Jacó, simpático, pretensioso um tipo de supervisor das atividades dos meio irmãos mais velhos, que depois foi o primeiro ministro do Egypt, sua idade, seus sonhos, e como foi ignorado, vendido por mais de uma vez, tornou-se chefe da casa do principal general do exército do Egypt, foi tentado, fugiu da tentação, foi acusado, condenado como culpado, sentenciado e preso; como escravo de

segunda linha, não lhe restava alternativa. Vestiu-se da vergonha e traje de preso, ambiente fétido, imundo e frio, sem familiares para visitá-lo, sem defesa, sem ninguém.

Como companhia, tinha apenas a conduta irretocável, e com essa, entrou para sua cela.

Na prisão tornou-se chefe/responsável pelos demais, e depois de algum tempo que se encontrava no seu cárcere, alguns servos do palácio por algum ato em desacordo com os procedimentos palacianos, foram julgados e condenados à prisão e talvez à pena de morte; pelo menos um deles, posteriormente.

A chegada desses homens do palácio provocou certo alvoroço naquela casa de correção, a inquietação tomou conta de todos, desde o carcereiro chefe, até ao preso de conduta desprezível, não tinham conhecimento da real gravidade cometida pelos homens que serviam no palácio, e a implacável decisão da justiça na aplicação das leis sobre esses serviçais do palácio, assim foram levados à prisão, conduzidos como delinquentes dos piores, o risco de vida que corriam era iminente, haja vista que pecaram contra o Faraó. Sem fiança, sem direito a qualquer pedido de misericórdia.

Assim foram conduzidos sem direito a qualquer apelação àquele cárcere, juntados aos presos comuns.

A chegada de José naquela casa já havia provocado certa inquietação aos presos ali instalados.

Na maioria das vezes é um comportamento pobre que se nota em toda sociedade, começando na família, quando o casal tem apenas um filho, dedica-lhe todo carinho e atenção, mas quando nasce um segundo filho, o primeiro reage com a síndrome de quem foi desprezado, começando pelo colo da mãe atenção do pai, brinquedos, berço, roupas, e em muitos casos, adoece.

Na empresa, a aceitação de um novo funcionário (a), pode levar dias ou semanas, alguns podem temer que o novo, seja o seu virtual substituto. Esses novos membros sejam na família ou na empresa até nas igrejas, poderão ser tratados com desdém, como; (aquela, aquele, a magra, a gorda, olha como fala ou anda como penteia os cabelos, veja a cor das unhas, você viu o esmalte que está usando, como se veste mal)? Quantas observações. Salomão disto falou;[7] – em todo tempo ama o amigo e na angustia nasce o irmão. Bíblia (ntlh) O amigo se ama sempre e na desgraça ele se torna irmão.

Agora, com a chegada desses, uma luz amarela acendeu no cárcere, como quando ocorre em cruzamentos de alto risco ou local que vidas precisam de proteção.

Os novos habitantes do local não se deram conta do alvoroço silencioso ali provocado com a chegada deles, talvez os olhares dos presos mais antigos tornassem um sinal de alerta.

Quando chegou ao conhecimento dos demais habitantes daquela casa que os novos inquilinos eram servidores no palácio, se fez necessário alguns ajustes no cotidiano dos mais antigos, com as alterações na rotina do presídio, que já era recheada de especulações e tantas outras conjecturas.

O trabalho para o líder foi acrescido de mais cuidados, e tato, haja vista que os olhares dos presos insinuavam que aqueles homens recém-chegados do palácio não eram de todo bem-vindos.
Seriam espiões ali, disfarçados de presos?

Ou ao contrário;

Que mal teriam cometido de tão grave para descerem tantos degraus?

O que teriam feito para se tornarem tão desprezíveis aos olhos do Faraó que sem nenhuma piedade determinou a prisão

daqueles homens?

Já não bastava a presença do chefe da casa de Potifar?

Afinal, que mal aqueles homens fizeram para que fossem levados para um lugar tão nojento? Local como aquele; era inadequado para qualquer ser vivo, até mesmo para breve visita, era pouco recomendável.

O tempo continuou a deslizar como uma serpente silenciosa, em busca de uma refeição distraída, quase sem ser notada, a menos que a perspicácia possa levar alguém a perceber como ele desliza na semelhança da água sobre rochas com lodo em inclinação suave, não faz qualquer ruído, não faz barulho.

Destarte tudo corria aparentemente com a maior normalidade, apesar de certa desconfiança se fazer notar naquela casa de correção. Ou casa onde alguém aguarda sua sentença até mesmo de morte.

O preso que chefiava todos os serventes da casa de Potifar, desde o seu patrimônio no campo e até as riquezas na residência, conforme se lê abaixo.

O Senhor Deus estava com ele, ele morava na casa do seu dono e tudo o que fazia dava certo e o Senhor Deus abençoava[8]. O dono de José viu que o Senhor estava com ele e o abençoava em tudo o que fazia. Assim José ganhou a simpatia do seu dono, que o pôs como seu ajudante particular. Potifar deu a José a responsabilidade de cuidar da sua casa e tomar conta de tudo o que era seu. Dali em diante, por causa de José, o Senhor Deus abençoou o lar do egípcio e também tudo o que ele tinha em casa e no campo. Potifar entregou nas mãos de José tudo o que tinha e não se preocupava com nada, a não ser com a comida que comia. José era um jovem muito bonito.

A vida do filho de Israel no Egypt foi cheia de drama e suspense; José sabia como era amado por Deus, e, se havia

escapado da morte no poço seco onde foi jogado por seus irmãos, Deus o Senhor, ia cuidar dele ali na sua escravidão.

Por causa da sua beleza física, foi desejado pela mulher de Potifar o seu dono. Em um dia comum, como outro dia qualquer, José veio à casa de Potifar para suas atividades habituais, ao entrar naquela residência;

Ela o agarrou pela capa e disse:[9]
– Venha! Vamos para a cama.
Mas ele escapou e correu para fora, deixando a capa nas mãos dela.

A esposa de Potifar percebeu o erro que havia cometido, e carregada de malicia, fez um alarme aos gritos, para que toda a criadagem ouvisse, e, se fazendo de vítima, e com a intenção de tornar a situação de José ainda mais grave.

Com aquele escândalo junto aos serviçais, aguardou a chegada do marido, assim se sentiu mais segura para fazer a denúncia ao esposo, e pleitear a punição do jovem hebreu. Assim esbravejou.

– Vejam só vocês! Este hebreu, que meu marido trouxe para casa, está nos insultando[10]. Ele entrou no meu quarto e quis ter relações comigo, mas eu gritei o mais alto que pude.

Logo que comecei a gritar bem alto, ele fugiu, deixando a sua capa no meu quarto.

Destarte, quando Potifar retornou ao lar, das suas atividades no comando da guarda de Faraó a sua esposa o aguardava ansiosa.
Ao ver seu primeiro plano frustrado, tentava agora o segundo, na esperança de que esse daria certo, e sem qualquer escrúpulo chamou a atenção do marido contra o Jovem hebreu com as seguintes palavras conforme se pode ler[11].

Ela guardou a capa até que o marido, dono de José voltou. Aí contou a mesma história, assim:

– Esse escravo hebreu que você trouxe para casa, entrou no meu quarto e quis abusar de mim, mas eu gritei bem alto, e ele correu para fora, deixando a sua capa no meu quarto.

Veja só de que jeito o seu escravo me tratou!

Potifar cegamente confiava em sua esposa, não fez qualquer averiguação para se certificar da tentativa de abuso contra sua mulher por parte de um escravo, o jovem hebreu poderia muito bem ter sido morto pelo seu dono, que nem mesmo avaliou o quanto suas riquezas haviam aumentado com a presença de José na administração de seus bens. José sabia que Potifar era um homem com quem não se podia brincar.

Quando ouviu essa história, o dono de José ficou com muita raiva. Ele agarrou José e o pôs na cadeia onde ficavam os presos do Rei. [12]

E José ficou ali.

Apesar da sua pouca idade; José estava sendo forjado na fornalha de Deus, Deus estava preparando-o para desempenhar atividades que estavam além das atividades no campo ou na casa de um rico, e por assim dizer, para alguns, ele não passava de um escravo espertalhão, e que com suas bajulações, achou graça diante do seu dono que o preservou das durezas do dia-a-dia; dando-lhe as chaves da própria residência, onde ele entrava e saía sem pedir licença.

Mas, uma casa, um rebanho, por maiores que fossem; não estava ali o plano completo de Deus para sua vida. Os seus sonhos estavam além da casa, ou da prisão para onde agora ele estava indo. E sabe lá por quanto tempo.

José não chega como um culpado, o seu comportamento era sem igual, era irretocável, o seu coração era puro, igualmente, Deus forja pessoas simples que não apresentam características de um superstar, o Novo Testamento mostra que doze homens comuns foram forjados e deixaram um legado inigualável, inimaginável, para o mundo inteiro.

Quanto a José, pouco tempo depois, acha graça aos olhos do chefe da carceragem que passa às suas mãos todos os outros presos.

Deus o Senhor estava com ele,[13] e o abençoou, de modo que ele conquistou a simpatia do carcereiro.

Este pôs José como encarregado de todos os outros presos, e era ele quem mandava em tudo o que se fazia na cadeia.

O carcereiro não se preocupava com nada do que estava entregue a José, pois o Senhor estava com ele e o abençoava em tudo o que fazia.

Era por assim dizer o diferencial na cadeia, e já tinha influência sobre os demais presos por determinação superior, o qual confiou às mãos de José todos os presos que estavam no cárcere.

E ele fazia tudo quanto se devia fazer ali. (Se disciplina; disciplina, se tolerância, tolerância)[14].

Obstante, não aplicou ali qualquer orientação que fosse desconhecida de todos que ali recebiam correção.

Em suas atividades de rotina, mesmo encarcerado, com liberdade de transitar em todas as alas do presídio, José visita as celas de todos os presos, porém, quando faz o atendimento a dois presos percebe haver certo temor visível nos rostos daqueles homens, semblantes turvos, e que os traços estampados nos rostos dos rapazes indicavam preocupações e que elas estavam provavelmente acima do conhecimento humano, e que todos desconheciam ali alguém que estivesse à altura para desvendar o

mistério. José era apenas um preso, como os demais, mas perguntou:

- Porque vocês estão com essas caras tão tristes hoje?[15] Eles responderam: – cada um de nós teve um sonho, e não há ninguém que saiba o que esses sonhos querem dizer.

Há pessoas que sempre gostam de fazer perguntas, outras as evitam, assim ficam alheias aos problemas dos outros.

A bíblia cita algumas pessoas importantes que sempre faziam perguntas, Neemias era uma delas, gostava de fazer perguntas, e pedir respostas, se envolver nos problemas dos outros e ajudar na busca das soluções.

– Hanani,[16] um dos meus irmãos chegou de Judá com um grupo de outros judeus. Então eu pedi notícias da cidade de Jerusalém e dos judeus que haviam voltados do cativeiro na Babilônia. Eles me contaram que aqueles que não tinham morrido e haviam voltado para a província de Judá estavam passando por grandes dificuldades.... Quando eu ouvi isso, eu me sentei e chorei.

– Assim ele tomou conhecimento da situação decadente do seu país e dos seus parentes que ficaram em Jerusalém e em Israel.

Ao chegar à cela, e, falar com os presos, José percebeu a angustia deles, e ao perguntar o que estava ocorrendo, veio a surpresa.

SONHOS!

O visitante bem sabia o que era sonhar, não sonho como desejo, mas, sonho como aviso.

Sentou com aqueles homens e começou a especular a vida particular de cada um, e logo veio a informação como uma bomba.

Eles disseram:

– Nós ofendemos o rei,[17] e ele ficou furioso conosco e mandou que fôssemos presos nesta cadeia.

Cada um de nós era o chefe dos demais servidores nas nossas respectivas funções.

– Disse um: – Eu era chefe dos copeiros no palácio de Faraó.
– Eis o que o outro respondeu: – Eu era chefe dos padeiros, também no palácio de Faraó.

– Mas porque das caras tristes hoje? [18]– Perguntou José.

– Eu sonhei um sonho. – Disse o copeiro. – Conte-me. – Pediu José. Ele assim narrou.

– Sonhei que na minha frente estava uma parreira, que tinha três galhos. Assim que as folhas saiam, apareciam as flores, e estas viravam uvas maduras. Eu estava segurando o copo do rei, espremia as uvas no copo e o entregava ao rei.

– José disse: – Os galhos são três dias, o rei vai mandar soltá-lo, voltará ao seu trabalho e servirá vinho ao rei novamente como fazia antes.

Quando estiver tudo bem para você lá, lembre-se de mim, por favor, tenha a bondade de falar a meu respeito com o rei, ajudando-me a sair desta cadeia.

– Quando o chefe dos padeiros viu que a interpretação do sonho do copeiro era boa, contou também a José o seguinte sonho.

– Eu também sonhei um sonho[19]. Sonhei que estava carregando na cabeça três cestos de pão. No cesto de cima havia todo o tipo de comidas assadas que os padeiros fazem para o Rei. E as aves vinham e comiam dessas comidas.

– José assim explicou:

– Os três cestos são três dias. Daqui a três dias o Rei vai soltá-lo e vai mandar cortar a sua cabeça.

– Três dias depois o Rei comemorou o seu aniversário, oferecendo um banquete a todos os seus funcionários. Ele mandou soltar o chefe dos copeiros e o chefe dos padeiros; e deu ordem para que viessem ao banquete.

E aconteceu exatamente o que José tinha dito. O rei fez que o copeiro voltasse ao seu antigo trabalho, e mandou que o padeiro fosse executado. Porém o chefe dos copeiros não se lembrou de José; esqueceu-se dele completamente.

– José voltou à supervisão do presídio e a noite à sua masmorra.

Nenhum outro preso ou nem mesmo o carcereiro chefe, suspeitava das capacidades do homem que mantinha ali preso, até o dia que o Palácio entrou em pânico.

II – Palácio em pânico.

Logo que o dia amanheceu, os transeuntes notaram que os portões dos altos muros e as portas do palácio já se encontravam abertos, a movimentação nas escadarias era intensa, homens do governo; sacerdotes, e sacerdotisas, escribas, magos, feiticeiros, médicos, filósofos, agoureiros, astrônomos, astrólogos e outros pouco conhecidos, afluíam para aquele ponto de onde emanava toda a sorte e garantia de segurança e sobrevivência do povo e do país, era o que eles notavam e conseguiam visualizar, apesar da distância que os separavam do palácio pela guarda real.

Potifar que era capitão da guarda e chefe dos executores; chefiava toda a segurança, ninguém entrava sem ser notado, nem saía sem seu consentimento, não seria perdoado caso houvesse qualquer vazamento dos assuntos palacianos, principalmente naquele dia, ademais por se tratar de assuntos ligados diretamente à pessoa do Faraó.

Destarte, o que pensavam os transeuntes?

Morte no palácio?
Não!

Edito com determinação e medidas com beneplácito de alguma coisa importante ou punição de algum criminoso em potencial?

Não!

Nada provavelmente importante que a população devesse saber?

Não!

Ou era por demais importantes que a população não devesse saber?

Também não!
A agitação e conjecturas deveriam ficar restritas ao palácio ou pelo menos por enquanto.

Mas: O que movimentava a casa do Faraó?

Era a grande interrogação do povo.

Os serviçais pouco ou nada se puderam notar, perceberam apenas uma movimentação acima do habitual naquele dia e horário, e o que fez parecer que o dia teria amanhecido mais cedo, as atividades começaram mais cedo, Faraó apareceu mais cedo, ‘souberam’, porém, quando souberam que a sala aonde o senhor do Egito ia se reunir com seu ministério, era a sala de segurança nacional, ficou uma pergunta no ar, mesmo no palácio, nada se sabia da inquietação do soberano.

Esperavam porem que daquela sala, deveriam vir as respostas.

Todos aguardavam que as respostas por certo viriam da SALA DE REUNIÕES.

III – Sala de Reuniões

No centro, da sala de reuniões privativa para assuntos de segurança do país, e que nas últimas décadas pouco ou nenhuma vez tinha sido usada, dado ao estado de segurança e paz reinante no país. Em razão dos acontecimentos nos aposentos do Faraó, tudo está alterado, nessa manhã está com suas longas cortinas aberta; a criadagem já havia higienizado todo o ambiente, a cadeira/trono pouco usada nos últimos anos, agora deveria ser ocupada por aquele ilustre senhor, ou quase ocupada, pois as angustias da alma daquele chefe causava-lhe grandes inquietações e provavelmente não iria conduzir aquela reunião no conforto da cadeira ali à sua disposição.

A mesa e a cadeira do trono (a segunda) bem expostas no centro da sala foram usadas naquela manhã como moveis decorativos, os objetos expostos ali não traduziam nem segurança pessoal nem segurança para o país, Faraó sentia um aperto no peito e inquietação na alma.

Esperava assim descansar ou pensava descansar o coração do grande condutor e semideus do Egypt, logo que as respostas chegassem haja vista que o comparecimento de todos foi a contento, e por certo, entre eles deveria ter alguém com iluminação tal, que daria a resposta para aquietar o seu coração.

A convocação se efetivou de maneira satisfatória, trazendo alguns lampejos de conforto para o coração do homem mais importante do país, o comparecimento foi à altura da importância do momento, mas, a mente do chefe da nação continuava perturbada,

o conforto do comparecimento, não indicava nem traduzia em resultados só pela presença maciça dos convocados.

Destarte as lembranças da noite continuavam a persegui-lo e o seu martírio o acossava a ponto de prender a respiração, haja vista que o seu conhecimento estava longe de saber o que continha nas entrelinhas dos sonhos, a princípio, poderia supor ser apenas perturbações do espírito, nada mais; no entanto, sentia-se perseguido e cobrado por alguém que ele próprio o desconhecia. - E, porque me atormenta? – Questionava.

Os convidados ouviram a voz de Faraó que andava pela sala, comportamento jamais visto e que retornava à sua cadeira e ali se curvou pensativo.

A reunião na corte, era a esperança maior para solucionar o problema, pôr fim ao seu sofrimento e a vida voltar à normalidade, ou tentar encontrar pistas para seu flagelo, pois tudo que o preocupava era os sonhos daquela noite que não conseguia compreender os seus sentidos, nem se livrar deles.

Ao iniciar a reunião o principal escriba que deveria colocar assento no pergaminho e deixar devidamente documentado, dá início; mas Faraó interrompe e suspende todas as formalidades que só ocorria em Reuniões Ordinárias e determina que aquelas anotações fossem apenas repetidas no pergaminho, e pelo fato de todos ali presente as conhecerem, não precisavam ser informadas, fazia parte do trivial.

Tratava-se de uma Reunião Extraordinária.

Urge dentro do rei, a impaciência do soberano dominava o bom senso, se comportava como alguém que está prestes a morrer afogado e precisa de um fio qualquer para se apegar e ter esperança de escapar do horror da morte.

Faraó retoma a palavra; exige a atenção de todos os seus ministros, conselheiros, chefes religiosos e demais presentes, a percepção de todos foi que nada naquele dia seria normal, desde as primeiras horas da manhã, nada na administração do país parecia normal.

O sonido da trombeta que ecoou e somente eles o conheciam aquele som era por determinação do palácio e que só se tocava para assuntos de segurança do país, e na face do chefe da nação se notava certo grau de preocupação e o peso de suas palavras deixaram todos em suspense, o tom ameaçador exigia deles solução para o assunto que ele ia colocar não para ser apreciado, não um pedido de apoio, não um, por favor, mas; determinação queria luz, cobrava solução, mesmo antes de exteriorizar o assunto, e mesmo desconhecendo que a sapiência dos convidados alcançasse resposta.

Um silêncio sepulcral tomou conta da sala, o Rei fez uma pequena pausa e pediu um; ‘preste atenção’ de todos e assim se preparou:

Os sábios se entreolharam, a maioria olhava para o chão daquela sala, não como alguém que está distraído, mas como quem está pensativo, como quem pergunta: – E se não tivermos a resposta esperada pelo Rei?

Faraó pigarreou e iniciou a narrativa:

– Ao deitar na minha cama e pegar no sono; sonhei que estava em pé na beira do rio Nilo[20].

De repente, saíram do rio sete vacas bonitas e gordas, que começaram a comer o capim da beira do rio.

Logo em seguida saíram do rio outras sete vacas, feias e magras, que foram ficar perto das primeiras vacas, na beira do rio.

As vacas feias e magras engoliram as bonitas e gordas.
Aí eu acordei, mas tornei a dormir e tive um segundo sonho.

Desta vez vi sete espigas de trigo que saiam de um mesmo pé; elas eram boas e cheias de grãos. Depois saíram sete espigas secas e queimadas pelo vento quente do deserto e elas engoliram as sete espigas cheias e boas. – E acrescentou:

– Ao acordar, tinha sido apenas uns sonhos. – E disse mais.

– Mas pela manhã, eu fiquei preocupado e por isso mandei chamar todos vocês para me dizer o que significa tudo isto.

– Um momento de silencio por toda a sala e seguido de vozes baixas, a perguntarem entre os presentes:

– O que pode ser estes sonhos do Rei, que respostas daremos ao soberano.

– Toda a assistência completamente cabisbaixa visto que pela primeira vez, nenhum conseguiu êxito para atender ao pedido do Soberano.

Conforme se lê no texto indicado a seguir.

Mas nenhum dos sábios foi capaz de dar a interpretação dos sonhos ao rei[21].

Os sábios foram honestos e disseram a Faraó: - nós não podemos interpretar os sonhos do Rei.

Entre os requisitados para aquela reunião não podia faltar o copeiro, haja vista que não podia faltar vinho que apesar do momento, sempre era um componente importante nas reuniões, mesmo aquelas acompanhadas de muita dor.

Há um texto bíblico que diz:

Deus faz a terra produzir vinho que deixa a gente feliz[22].

O copeiro se mantinha no seu lugar, pronto para servir, tinha um passado que não recomendava interferir em qualquer assunto, o seu passado o denunciava.

Se você não quer se meter em dificuldades[23], tenha cuidado com o que diz. E, é sabido que os mais sábios são os que menos falam.

Quando o copeiro ouviu dos sábios que nenhum deles podia dar a interpretação dos sonhos ao Faraó, se lembrou do seu pecado contra o Rei e do seu esquecimento com relação ao jovem hebreu, (José), que no cárcere interpretou o seu sonho e o sonho do padeiro.

Nesse momento ouviu-se um pedido de licença, não para que um novo convidado entrasse na sala, mesmo porque todos os convocados ali estavam, mas, o pedido foi feito por alguém ali presente, e esse que teve a audácia de pedir licença para fazer uso da palavra era um ex-presidiário.

O chefe do cerimonial consultou ao Faraó se devia dar a palavra ao copeiro-mor e foi assentido.

Então falou o copeiro-mor a Faraó, dizendo:

– Dos meus pecados lembro hoje[24]. Chegou a hora de confessar um erro que cometi. Um dia o senhor ficou com raiva de mim e do chefe dos padeiros e nos mandou para a cadeia, na casa do capitão da guarda.

Certa noite cada um de nós teve um sonho, e cada sonho queria dizer uma coisa.

Lá na cadeia estava com a gente um moço hebreu, que era escravo do capitão da guarda.

Contamos a esse moço os nossos sonhos, e ele explicou o que queriam dizer.

E tudo deu certo exatamente como ele havia falado.

Eu voltei para o meu serviço, e o padeiro foi enforcado.

– Era o então preso, companheiro na prisão do hebreu José.

A notícia soou na sala como se fosse uma manifestação de resposta dos deuses nos quais Faraó cria, uma sensação de alivio provisório apareceu em sua face, e a ordem para que o capitão da guarda fosse pessoalmente à cadeia e resgatasse o prisioneiro hebreu ali mantido.

Todos os que ali estavam e ouviram as palavras do copeiro chefe ficaram alvoroçados; vozes por todos os lados, eles se entreolharam, perceberam as suas pequenezes, e abnegados quase admitiram o que o texto das Sagradas escrituras diz:

– Para o Senhor Deus controlar a mente de um rei[25], é tão fácil como dirigir a correnteza de um rio.

Saiu a ordem do Faraó que uma carruagem fosse preparada e que todas as providencias fossem tomadas, e que o preso hebreu fosse trazido à sala de reunião em total segurança.

Não seria lavrado qualquer alvará de soltura, nem julgamento para verificar o grau ou não de culpa daquele preso por seu comportamento anterior.

Deveria ser ouvido imediatamente, e, caso as palavras do chefe dos copeiros não se confirmassem favoráveis, as tratativas seriam tomadas depois.

A questão no momento era a paz para o Rei e normalidade para seu país, haja vista que nenhuma situação de paz ou de guerra nunca o tinha preocupado tanto quanto o que a princípio poderia parecer uns simples sonhos.

Assim sendo, a Reunião deveria ter total privacidade.

IV – Resgate do Preso

A reunião deveria ter total privacidade.

Naquela ocasião não teria tempo para atender visitantes, turistas, ou chefes de estados, o assunto era interno e todos os homens importantes do seu governo deveriam participar.

Tinha hora para o início porem sem definir o horário do fim da reunião, a menos que a resposta logo chegasse. O cerimonial mandou chamar os sábios e intérpretes que faziam parte do governo, todos os ministros, sacerdotes, escribas, conselheiros e magos, na tentativa de que eles pudessem trazer luz à mente confusa do Faraó.

Ninguém melhor que o autor do romance, poesia, conto, história, pensamento, ou qualquer outra informação saberá o que está nas entrelinhas, porém quando alguém é deveras bastante próximo do autor, talvez consiga entrar nos pequenos espaços e descobrir[26] “O sentido da palavra”.

Nem sempre nas prisões estão apenas os parias da sociedade, provavelmente haja pérolas em meio ao que se chamam de lixo, quando esse é juntado e colocado em um saco, e as pérolas não sendo notadas, são ali inclusas, recolhidos pelos melhores prestadores de serviço público, os coletores de lixo limpando toda sujeira das cidades feitas pelos seus cidadãos e principalmente pelos mais abastados, todo lixo é arremessado para dentro do caminhão, e juntado a outros detritos ali já colocados; são prensados, impiedosamente, pela mesma força mecânica e juntos levados ao descarte, (aterro sanitário).

Posteriormente abandonadas em locais mofos e fétidos.

Ali, pisadas por outras pérolas que não as visualizam haja vista não conhecer nem mesmo o seu próprio valor.

E como reconhecer o valor do ouro se a prata está totalmente suja e embotada?

Como conhecer o jaspe pelo cristal se este está no interior de uma pedra coberta de uma casca rígida, dura e rústica?

Como conhecer a beleza do amanhecer se fecharmos os olhos e a ignorarmos, não deixando os raios de luz penetrar em nosso globo ocular?

Como sentir o aroma das flores se perdermos o sentido, o olfato?

Será que perto de nós; simples seres mortais que somos não há alguns interesseiros que apenas querem explorar os nossos conhecimentos, nossa simplicidade, nossa crença, nosso prestígio ou nossa fé?

José permanecia na cela, pagando uma pena que não devia e ainda administrando comportamento de outros presos.

A versão dada contra o moço hebreu, não traduzia o tipo de pessoa que ele era nem mesmo o tipo de caráter daquele jovem revelado nas Sagradas Escrituras.

Mas, a sua prisão, pareceu o mais prudente para seu dono.

Não parece ter havido um inquérito, nem um processo, nem mesmo julgamento. Foi adotado contra o jovem hebreu uma como que prisão preventiva.

– Mas o Senhor Deus[27], porém, estava com José, e estendeu sobre ele a sua benignidade.

O movimento na sala de reuniões atingiu a cadeia onde estava o preso hebreu acusado de tentativa de estupro contra a esposa de Potifar chefe da guarda e executor do palácio.

O cumprimento da determinação de Faraó foi imediato, um carro à disposição do chefe da guarda, parado à entrada na porta principal, o cocheiro, com as rédeas dos cavalos à mão, apenas esperava a chegado do seu ocupante que deveria ir à cadeia e anunciar pessoalmente o resgate do hebreu preso por sua ordem.

O preso cumpria suas atividades de rotina, nada havia mudado desde a saída dos copeiro-mor e padeiro mor.

Não teve notícias do copeiro, e pouco ou nada sabia da execução do padeiro mor.

Aliás, sua preocupação principal, era manter o seu comportamento irretocável, continuar fiel a seus princípios, não alimentar ódio contra quem quer que fosse estranho ou da sua própria família.

O responsável pela soltura do jovem hebreu desceu as escadarias; sisudo, não falou com seus subordinados que fazia um cordão humano à direita e à esquerda como formalidade haja vista não havia permissão de qualquer movimentação de transeunte civil naquele dia e horário.

O deslocamento da autoridade encarregada de ir ao presidio transcorreu com a devida normalidade, gastou o tempo menor que ocorria em dias normais, para o país inteiro aquele era um dia normal, nada de especial para os súditos de Faraó, nada de anormal, era um dia como qualquer outro para o povo. No entanto, para aquele homem importante do governo, não parecia um dia normal, na prisão sim, era um dia normal, tudo ocorria dentro da normalidade José se mantinha em sua cela.

A chegada do carro de Potifar trouxe àquela casa de correção uma preocupação adicional, o carcereiro responsável por aquela penitenciaria, saiu para recepcionar o visitante importante, e para sua surpresa, ele dispensou todas as gentilezas do administrador.

Depois de um cumprimento formal, Potifar solicitou ao carcereiro chefe que o conduzisse à cela de José o hebreu; surpreso, atendeu ao pedido imediatamente, e em passos largos, seguiram pelos corredores, desceram escadas, e por fim, chegaram ao calabouço, à cela de José.

O próprio Potifar fez uso das chaves para abrir a porta principal; em seguida abriu o cadeado, e, o suspense tomou conta de José, ele sabia quanto era amado por Deus, mas, imaginar que seria solto pelo seu ex-dono, isso não. Não passava por sua imaginação, mas, porque estaria sendo solto naquele dia, era um dia comum, as suas atividades estavam por fazer, ainda era cedo para os serviços que executava naquela casa.

Ouviu tinir das chaves, ouviu o movimento no cadeado e as correntes caírem ao chão, a voz conhecida do seu ex-dono. Esse lhe disse:

– Vá se lavar; barbear troque estas roupas, se vista adequadamente, e, vá se apresentar a Faraó[28].

– Faraó me ouvir!

Não hesitou, fez como foi orientado, entrou na carruagem e seguiu para o palácio. Não falaram durante o percurso, desconhecia completamente o teor da reunião, aliás, nem mesmo sabia se havia alguma reunião, e, o que estava acontecendo, o seu condutor, não revelou os sonhos de Faraó, manteve o segredo. Destarte, o jovem seguiu em total ignorância.

V – O encontro com Faraó

José saíra de casa para supervisionar o serviço dos meios-irmãos aos dezessete anos foi preso, desclassificado, escravizado e vendido por eles, revendido no Egypt, algum tempo ficou como escravo na casa de Potifar e outros na cadeia, desde a interpretação dos sonhos do copeiro e do padeiro se passara dois anos.[29]

Acompanhado do executor, subiu as escadarias do palácio, o cordão de isolamento se repetia para o Sr. Potifar, para José o hebreu, era totalmente estranho, novidade, assim que passaram, ouviu tinir dos cadeados do portão principal, desconhecia os procedimentos no palácio, e até mesmo como os servos se comportavam diante do Rei, mas, para ele: Que diferença fazia! Ele continuava na sua condição de preso escravo; sem algemas, claro, mas, qual era a utilidade delas para um jovem em país estranho, cercado de segurança, escravo e condenado?

Conduzido à presença do Rei sem qualquer cerimônia, nem boas vindas, como se fosse alguém frequente em reuniões com o mandatário do país, ou como alguém sem importância, que sua presença ali era apenas para atender a necessidade do mandatário ou sua curiosidade, evitou olhar para os lados, procurou manter-se firme, notou a presença do copeiro-mor, que se postava próximo a Faraó com o seu copo na mão, pronto a atender ao primeiro sinal.

Tentou desviar o olhar, mas viu à sua frente o homem, o Faraó e semideus, o filho de Amon-rá, foi cortês, e, tentou ficar à vontade.

Não sabia de fato o que o aguardava, sabia sim que:[30] “Até ali, o Senhor Jeová o havia ajudado”, conforme mais tarde ficou

registrado com relação ao cuidado do Senhor dos Exércitos.

Aguardava sua sentença, ou talvez o perdão do Faraó. Mas, sua acusação não era contra o palácio. Afinal, de que se tratava? Porque perdão?

Mesmo como preso, aquele jovem mantinha seu estilo diplomático, seu tipo gentil, sua simpatia, e logo que foi apresentado, caiu na graça do Rei, este fitando os olhos no jovem, disse:

– Tive um sonho[31], e não há quem o possa interpretar. Ouvi dizer de ti, que, quando ouves um sonho, podes interpretá-lo. José respondeu; de modo nenhum. Deus há de dar a Faraó uma resposta de paz.

O Rei narrou os sonhos a José.

Depois de ouvi-los, o jovem respondeu a faraó:

– Os sonhos do Rei são um só; Deus manifestou a Faraó o que há de fazer.

As sete vacas boas são sete anos[32], as sete espigas boas são sete anos. Os sonhos são um só.

VI- Interpretação do sonho

José ouviu atenciosamente a narração do chefe do país, e notou que o Rei estava tenso, preocupado, e muito inquieto, seu rosto, tinha semelhança de angústia como viu nos rostos dos serviçais na cadeia dois anos antes, e que palavras apenas não mudaria o comportamento do soberano do Egypt, sabia acima de tudo, da urgência do assunto.

O conteúdo dos sonhos estava latente na mente do hebreu que agora tinha 30 anos.

José tinha trinta anos quando entrou para o serviço do rei do Egypt era um jovem ativo[33].

Já se passaram treze, desde o dia que seu pai o mandou supervisionar os trabalhos dos seus irmãos no campo[34]. José tinha dezessete anos e cuidava das ovelhas e cabras do seu pai.

Faraó disse ao moço, agora homem com trinta anos. – Ouvi dizer que você é capaz de explicar sonhos[35].

– Isso não depende de mim[36] – respondeu José. – É Deus quem vai dar uma resposta para o bem do Senhor ó rei.

E acrescentou[37]. – Os dois sonhos querem dizer a mesma coisa.

Por meio deles Deus está dizendo ao senhor o que ele vai fazer.

As sete vacas bonitas são sete anos, e as sete espigas boas também são sete anos.

Os dois sonhos querem dizer uma coisa só.

As sete vacas magras que saíram do rio depois das bonitas e também as sete espigas secas e queimadas pelo vento quente do deserto são sete anos em que vai faltar comida.

É exatamente como eu disse: Deus mostrou ao senhor, ó rei, o que ele vai fazer.

Virão sete anos em que vai haver muito alimento em todo o Egypt.

Depois virão sete anos de fome.

E, a fome será tão terrível, que ninguém se lembrará do tempo em que houve muito alimento no Egypt.

A repetição do sonho quer dizer que Deus resolveu fazer isso e vai fazer logo.

– Naquele momento houve silencio naquela sala, os sábios se entreolharam e baixaram a cabeça; em toda a história do país, nada parecido se ouviu. Vez ou outra ocorreram queda na produção agrícola, morte de animais; mas, coisas irrelevantes, os estoques reguladores do governo, sempre cobriram as faltas e quebra nas colheitas, mas o que tinham diante das suas faces, e diante do Faraó, era catastrófico, se aquela profecia se cumprisse, toda a área produtiva do delta do Rio Nilo, era insignificante, provavelmente, muitos poderiam estar fadados à morte por inanição.

José continuou[38]. – Portanto será bom que o senhor, ó rei, escolha um homem inteligente e sábio e o ponha para dirigir o país. O rei também deve escolher homens que ficarão encarregados de

viajar por todo o país para recolher um quinto de todas as colheitas, durante os sete anos em que elas forem boas.

Durante os anos bons que estão chegando, esses homens ajuntarão todo o trigo que puderem e o guardará em armazéns nas cidades, sendo tudo controlado pelo senhor.

Assim o mantimento servirá para abastecer o país durante os sete anos de fome no Egypt, e o povo não morrerão de fome.

O Rei ficou encantado com a interpretação dada pelo homem hebreu, o preso esquecido no cárcere. Como o país não teria progredido tendo uma pessoa como aquela atuando em qualquer seguimento importante do governo! Mas, o momento era aquele. Aquele era o momento.

Porque aquele moço de tão alto conhecimento do além estava recluso?

Seria ele um aproveitador em potencial, um oportunista?

José teve a maior chance, a oportunidade de ouro, seria o virtual candidato para uma vaga nos serviços do rei. Poderia se apresentar como a pessoa mais indicada para tal cargo, tripudiar sobre o copeiro chefe, que se esqueceu dele totalmente e dele não se lembrou, momento de vingança, mostrar para todos ali, o sangue hebreu, impostar a voz, dizer quem ele era, e para que estava ali.

Não, não era assim que aquele hebreu agia, sabia esperar o livramento do Senhor Deus de seus pais, e que agora, com certeza, era o seu Deus.

Faraó por sua vez, poderia até imaginar que José fosse um espertalhão, porém, dar uma interpretação lógica e distinta de todas as demais apresentadas pelos magos, feiticeiros, adivinhos, inquiridores e escribas do reino. Não poderia ser a atitude de um oportunista.

Aliás, disse o próprio Faraó a José: – Contei-lhes os sonhos, mas nenhum dos sábios foi capaz de dar a interpretação[39].

Deduzir-se-ia que alguém com uma imaginação prodigiosa, uma sapiência surpreendente, ou, alguém muito fiel a algum deus completamente desconhecido de todos os religiosos egípcios, e que algo inusitado e surpreendente estava para acontecer no seu país, e que aquele rapaz não poderia ser desprezado antes de uma meticulosa avaliação do seu ponto de vista?

Não podia no primeiro momento despedi-lo sem que com uma dose de prudência viesse analisar o assunto, e caso esta possibilidade de ocorrer tamanha desgraça no país, fosse provável.

Nenhum homem honesto será esquecido, se seu comportamento for irretocável para os padrões humanos, cedo ou tarde, será lembrado, e os que são corretos diante do Senhor Jesus, por mais que sejam como; Ovelhas no meio de lobos[40]. Serão preservados.

O conselho de José agradou ao rei e aos seus funcionários[41].

E o rei lhes disse: – Não poderíamos achar ninguém melhor para dirigir o país do que José, um homem em quem está o Espírito de Deus.

Depois olhou na direção de José e disse:
– Deus lhe mostrou tudo isso[42], e assim está claro que não há ninguém que tenha mais capacidade e sabedoria do que você.

– Como e quem poderia cuidar de tarefa tão complexa?

Como e quem poderia gerir aquela pasta?

VII – O suspense

Como e quem poderia gerir aquela pasta?

O país ia precisar de estoques reguladores para um período de quatorze anos aproximadamente, e mais um determinado tempo até que as novas colheitas se confirmassem após o retorno da fertilidade do Rio e chuvas em todas as áreas produtivas.

O cultivo da terra, a plantação e a colheita em todo o país após findar o período contido no sonho, deveriam demorar mais alguns meses, dependendo da cultura que pretendiam desenvolver.

la precisar de estoques reguladores para sustentar toda a nação, e até países vizinhos no caso de serem atingidos pela escassez de alimentos.

Grandes construções deveriam ser erguidas em todo país com uma logística fácil assim evitaria grandes deslocamentos de compradores indo e voltando usando animais de carga para transportar os alimentos adquiridos fossem por meio de compras normais ou por meio de trocas usando o patrimônio da família para adquiri-los e mantê-la viva.

ARMAZENS: Para estocagem de cereais e toda variedade que o campo viesse a produzir.

ARMAZÉNS: Para secos e molhados como: carnes e peixes frescos, peixes secos, aves, cebolas, manteiga, ovos de codorna, ovos de crocodilo, mel, leite, queijos, azeite, figos, maçãs, tâmaras, uvas, romãs, nozes e muitos outros.

Quem poderia gerir tamanho negócio?

O ministério da agricultura estaria subordinado ao mesmo gestor, o banco central do país também, a pecuária sem dúvida, e todos os demais segmentos da sociedade produtiva.

Toda a produção do país. O que denominamos de PIB – (produto interno bruto).

Logística: precisava de alguém com conhecimento de logística para fazer o armazenamento e distribuição de alimentos e outros produtos de necessidade básica para toda a população tanto do baixo quanto do alto Egypt, no entanto, a maioria dos agricultores mantinha o cultivo da chamada cultura familiar, agricultura de subsistência, não usavam esses recursos como comercio ou moeda de troca, mas, o anuncio não ia privilegiar qualquer agricultor, todos passariam pelo crivo dos acontecimentos contidos na interpretação do moço hebreu.

Parece que foi criado um imposto de cinco por cento (5%) para todos os produtores do país

Se a prisão é má escola para alguns, pode ser local de reflexão para outros[43].

Será que na nossa, onde desenvolvemos nossas atividades ou onde somos punidos como alguns queiram entendê-la, não poderemos ser úteis a alguns e fazer algumas coisas em prol deles, de um povo, de um reino de uma nação, da nossa nação, do nosso País?

Não creio que estejamos vivendo tempo de sonhar, e sim tempo de interpretar sonhos.

Não é tempo de estarmos sonhando, é tempo de estarmos interpretando os sonhos dos que estão ao nosso redor, precisamos,

definitivamente saber em quem temos crido, e deixar quem quiser ficar sonhando; sonhar. Os adoradores estarão interpretando.

Oi! Acorda! Tem gente sonhando perto de você!

Faraó como que recobrando os sentidos, se aproximou da cadeira ali à sua disposição, um dos serviçais do palácio puxou a cadeira e aguardou que o Rei se assentasse, e, cuidadosamente empurrou-a, para que sua majestade se acomodasse confortavelmente, o estado de quase palidez do Faraó agora dava lugar à tez de sua pele quase normal, olhou para o copeiro-mor e pediu um pouco de vinho, aliás, até aquele momento prudentemente não havia bebido, o copeiro cuidadosamente provou o vinho na presença do Rei e de todos, entregou o copo na mão do Faraó, e deu três passos para traz, percebeu quando o Rei voltou o olhar em sua direção e fez sinal de aprovação, não somente pelo buquê do vinho, mas, por citar o hebreu agora ali diante de todos.

Levantou o olhar na direção dos convidados, todos permaneciam ali imóveis, em total silencio, aguardavam uma palavra do Faraó, que depois de ter a informação do que havia de vir, iria tomar as medidas cabíveis para o assunto, iria dar as tratativas, necessárias, solicitou que todos se aproximassem da mesa onde o mandatário estava assentado.

As palavras que José havia falado estavam martelando na mente de Faraó, assim: “– O sonho foi duplicado a Faraó é porque esta coisa é determinada por Deus, e Deus se apressa a fazê-la”.

Ele ainda disse ao Rei; – Portanto, Faraó se proveja agora de um homem inteligente e sábio e o ponha sobre a terra do Egypt[44].

Faça isso Faraó, e ponha governadores sobre a terra, e tome a quinta parte da terra do Egypt nos sete anos de fartura.

E ajunte toda a comida destes bons anos, que vêm e amontoem trigo debaixo da mão de Faraó, para mantimento nas

cidades, e o guardem.

Assim será o mantimento para provimento da terra do Egypt; para que a terra não pereça de fome.

E essa palavra foi boa aos olhos de Faraó e aos olhos de todos os seus servos.

José é nomeado primeiro ministro do Egypt por Faraó; na presença de todos os homens importantes do monarca, naquela manhã, na sala de reuniões privativa do país.

VIII – O preso, o primeiro ministro

José é nomeado primeiro ministro do Egypt por Faraó; na presença de todos os homens importantes do monarca, naquela manhã, na sala de reuniões privativa do país.

A importância do cargo provavelmente despertou o interesse e a ambição por parte de todos os auxiliares do Rei.

Quem não gostaria de ser o primeiro ministro do país, principalmente em um momento como aquele que se apresentava?

Entre os que ali se encontravam quem melhor preenchia os requisitos que o cargo exigia?

Enquanto eles falavam como quem lê nas entrelinhas de um livro, o Faraó avaliava tudo que tinha ouvido do hebreu.

O monarca poderia até mesmo pensar que José fosse mais um oportunista, interesseiro e para agradar o mandatário, estivesse usando de palavras lisonjeiras com intenção de cair na graça do rei e com isso se beneficiar até mesmo de um alvará de soltura e quem sabe; tentar fugir do país posteriormente, enquanto todos estivessem envolvidos em ações para o avanço nas melhorias da agricultura, pecuária, piscicultura, avicultura, apicultura, ou outras atividades, com a finalidade de abastecer o país para o momento de crise.

Os homens deparam com as melhores e piores oportunidades de suas vidas, alguém disse certa vez: ‘o medo de perder, tirou a vontade de ganhar’, e José, tinha experimentado grandes desventuras, tinha perdido sua capa que o indicava como

filho predileto, tinha sido jogado dentro de um poço seco, tinha sido vendido como escravo de segunda linha, acusado depois por tentativa de estupro, e posteriormente; preso.

O que mais faltava a um jovem que aos dezessete anos iniciou para ele um calvário, uma vida de desventura, já não estava maduro o suficiente para se valer daquela chance?

Despontava diante dele uma oportunidade de ouro, abria-se lhe a porta mais desejada que qualquer outra já vista, e deixar passar, não seria prudente, ele agora era o melhor candidato ao cargo, poderia chamar Faraó para uma palavra a sós, ele o tinha em suas mãos, provavelmente, qualquer pedido do preso, seria atendido pelo homem mais importante daquele país.

Quem poderia negar isso?

Porque não agarrar com as duas mãos aquela oportunidade que poderia ser única em sua vida?
Até mesmo trapaceando?

Não lhe apresentava o melhor momento para poder tripudiar sobre os seus inimigos?

Provavelmente, o que tem faltado à maioria de nós, simples mortais, é o que diz as Escrituras Sagradas: – Esperei pacientemente pelo Senhor Deus, e ele se inclinou para mim, e ouviu o meu clamor[45].

Tirou-me de um lago horrível, de um charco de lodo; pôs os meus pés sobre uma rocha, firmou os meus passos.

E pôs um novo cântico na minha boca; um hino ao nosso Deus, muitos verão, e temerão e confiarão no Senhor.

Esperar!

José podia se candidatar naquele momento como o homem que o país precisava.

Mas, não se comportou com leviandade, soube esperar, deixar a decisão nas mãos de quem deve e tem a responsabilidade de tomar as decisões, mesmo porque, foi a Faraó que Deus se dirigiu em sonhos.

Faraó refletiu com prudência, olhou ao redor, avaliou cada colaborador ali presente, e, enquanto a ambição batia no peito da maioria; quase todos, exceção apenas talvez no pensamento do hebreu, haja vista que nas suas palavras disse ele:

– Faraó se proveja agora de um homem inteligente e sábio e o ponha sobre a terra do Egypt[46].

Destarte, Faraó estava livre, como quem recobra os sentidos; ergueu os olhos na direção dos seus sábios, e disse:
– Acharíamos um homem como este[47], em quem haja o Espírito de Deus?

Depois disse a José: – Pois que Deus te fez saber isto, ninguém há tão inteligente e sábio como você.

Você estará sobre a minha casa, e por sua boca se governará todo o meu povo, somente no trono eu serei maior do que você.

Vestiu o agora primeiro Ministro com vestes de linho,

E adiante advertiu a todos se dirigindo a José:

– Eu sou Faraó, e sem você, ninguém levanta a mão nem o pé em toda a terra do Egypt.

Tirou o anel de sua mão e pôs na mão de José, e o fez subir no segundo carro do Rei, pôs um colar de ouro no seu pescoço e

ordenou que clamassem diante do hebreu para todos os egípcios, – Ajoelhai (grifo nosso).

José não tinha feixes que se curvavam diante do seu feixe, nem mesmo lua, sol e estrelas que se curvavam diante de si. José tinha uma nação se ajoelhando enquanto passava, e serviçais do governo gritando para toda a população.

Assim o pôs sobre toda a terra do Egypt,

Que maior gloria terrena uma pessoa possa desejar, merecer, esperar ou receber?

Alguém dirá que tudo isto é fábula.

E alguém poderá até pensar, dizer, rejeitar tudo o que está vendo e lendo neste exemplar, como alguém que escreve, até entendo que, se isto não foi revelado a quem pensa assim, e, defende seu pensamento, tem suas razoáveis razões, mesmo porque acha que as Escrituras Sagradas não mereçam tão grande crédito.

Deixa estar, e Senhor das Escrituras disse: – Passarão os céus e a terra, mas as minhas palavras não passarão[48].

– Um dia em silencio e abnegados, cederemos a Elas.

Como seria a reação de um jovem que vai do berço ao chiqueiro, e deste ao palácio?
O coração aguenta?

IX – Breve história

De acordo com a narrativa Bíblica, durante aproximadamente 430 anos, o povo de Israel viveu no Egypt, aquele país se tornou o lar dos hebreus durante quase quatro séculos e meio.

Não é de se estranhar quando eles esboçaram desejo de voltar para o Egypt e saborear novamente do seu cardápio; disseram assim:

– Teria sido melhor que o Senhor tivesse nos matado no Egypt! Lá, nós podíamos pelo menos nos sentar e comer carne e outras comidas à vontade[49].
Vocês nos trouxeram para este deserto a fim de matar de fome toda esta multidão.

Por mais que queiramos negar, estamos presos à terra, e principalmente àquela que nos satisfaz na hora da fome; para os hebreus não poderia ser diferente, haja vista quanto isto representava para eles, apesar das chibatadas por que passava o povo de Abraão/Isaac e Jacob.

– Nu sai do ventre de minha mãe e nu para lá voltarei[50]. (Era a mãe terra que ele se referia ou a mãe biológica?).

– No suor do teu rosto comerás o teu pão[51], até que voltes ao pó, porque do pó foste formado. Ou ainda esta versão da Bíblia na linguagem do hoje: “Terá de trabalhar no pesado e suar para fazer com que a terra produza algum alimento; isso até que você volte para a terra, pois dela você foi formado”.

No entanto o período pouco agradável para os hebreus iniciou na dinastia após a morte de José e do Faraó do seu tempo.

– Depois da morte de José e de seus irmãos[52], levantou um novo rei no país que nada sabia a respeito de José.

O sofrimento pelo qual eles agora passavam, não invalidava a importância que o país tinha para eles, mesmo porque havia uma incerteza com referência à terra para onde Moisés os estava levando, provavelmente nenhum hebreu a conhecia.

Apenas e tão somente um milagre poderia convencê-los de que o outro lado do mar e do Rio Jordão seria mais importante.

Egypt – Área territorial: 1.001.449 km² - atual.

População: em 2006 era calculada em: 78,7 milhões.

Composição: Árabes egípcios 98%, Árabes beduínos 1% e Núbios 1%, dados de 1996.

Cidade mais importante é a cidade do Cairo, capital do país com uma população de, 10.834.495, em 2003.

Moeda: libra egípcia;

Nome Oficial: República Árabe do Egypt (al-Jumhuriya Misr al-'Arabiya).

Nacionalidade: Egípcia;
Data Nacional: 23 de julho (Aniversário da Revolução).

ECONOMIA:
Produtos Agrícolas: algodão em pluma, arroz, trigo, cana-de-açúcar, milho, tomate.

Pecuária: búfalos, ovinos, caprinos, aves.

Mineração: petróleo, gás natural, manganês, sal de fosfato, minério de ferro, urânio, carvão.

Indústrias: Alimentícia, refino de petróleo e têxteis.

Muito do que fazia parte da riqueza do antigo Egypt, ainda compõe os bens do país nos dias atuais.

Outras cidades importantes: Alexandria e El Gîza.
Idioma: árabe (oficial);
Religião: Islamismo: 91%, Cristianismo: 8%, 2005.

O país é banhado pelos mares: Vermelho e Mediterrâneo.

Países vizinhos: Líbia, Sudão, Arábia Saudita, Jordânia, e Israel.

O Egypt antigo data de aproximadamente 4000 anos a.C. até o início da era Cristã.

Foi governado por várias dinastias até Alexandre o grande, ou Alexandre Magno que teve como professor, o filosofo grego Aristóteles, que o conquista por volta de 332. a.C., após, foi dominado por; romanos, bizantinos, árabes, turcos otomanos, depois foi invadido por Napoleão Bonaparte, (francês) e por britânicos.

Só em 1922, proclama sua independência. Adota aí a monarquia, sob o reinado de Fuad I. 1936.

Após a morte do rei Fuad I, seu filho Farouk assume o poder, porem com a segunda guerra mundial, o país se torna palco que opõem: britânicos, alemães e italianos.

Sofre contra israelenses, e, tornando-se contra a criação do Estado de Israel, 1948 e 1949.

Em 1953 o coronel, Gamal Abdel Nasser, lidera um grupo de insurgentes, após depõe Farouk do trono, torna-se presidente do país, nacionaliza o canal de Suez, construído em 1869, com o apoio e influência europeia.

Inicia a modernização.

Em 1956 impede navios Israelenses de cruzar o canal de Suez.

Em decorrência: Israel invade a Península do Sinai.

Em 1967 o Egito perde a Península do Sinai e a faixa de Gaza para Israel, na guerra dos seis dias.

Há muito mais sobre este país, seu governo, e seu povo, porem como o propósito deste tratado não é propriamente história, julgamos que seria desnecessário juntá-los.

Em 1973, durante o feriado israelense de Yom Kipur, (dia da expiação ou purificação) o então presidente Anuart Sadat, sucessor de Gamal Abdel Nasser, juntamente com o presidente da Síria, invadem Israel, na hora da oração. Porém apesar do dia, sofre uma grande derrota imposta por Israel.

ACORDOS

Os acordos ou tratados de paz mais importantes foram os de Cap. David, 1978 e 1979, liderado por Jimmy Carter, (diácono da igreja Batista e presidente dos Estados Unidos), diga-se de passagem, o presidente americano tinha como conselheiro o renomado pregador Evangelista Billy Graham.

Seria injusto esquecer-se da importância que foi e sempre será o Egypt na história do povo de Israel, da humanidade e da Igreja, lembrando o que disse Deus através do anjo a José:

– 'Foge para o Egypt, porque Herodes procura matar a criança[53]'.

– Após a morte de Herodes o Senhor mandou que eles voltassem[54].

Nenhum servo de Deus deve ou pode esquecer-se de orar pelo Egypt, e devemos lembrar que há um caminho que ligará esses povos. (Israelenses e Egípcios).

O que estamos enfocando, necessário se fez buscar em suas raízes; um pouco da sua história, cultura, religião, economia, agricultura, hábitos alimentares e sua sociedade como um todo.

Foi o que tentamos mostrar resumidamente neste capítulo.

Falar do EGYPT é ainda mais complexo, haja vista ser uma cultura cheia de mistérios; seus Faraós, seu povo, seus sacerdotes, seus deuses, seus cultos, suas múmias, suas pirâmides, e tantos outros encantamentos que até hoje, os enigmas que os cercam, não são totalmente conhecidos.

As pessoas que residem em algum país que passa por crises, têm desejo de migrar para um que goza de prosperidade.

Aquele país passa ser o país dos sonhos, porém nem sempre a fronteira está aberta.

No caso que estamos apreciando, não é diferente.

Encontramos um aventureiro?
Ficamos fascinados com sua história, seu caráter, postura e fidelidade, onde ninguém o conhecia.

Nosso aventureiro?

Quem é mesmo ele? (Sua história pode ser lida em perda de identidade do mesmo autor).

No primeiro momento esse estrangeiro não é importante para o país, não carrega conhecimentos que pudessem agregar valores, não seria candidato a uma cadeira nas escolas egípcias, não tinha aptidões, não levava cultura, ciências, nem agronomia, nada conhecia de logística, medicina ou outra ciência qualquer que o credenciasse a qualquer função não desprezível naquele país, simplesmente nada ia aquele moço acrescentar aos grandes conhecimentos daquele povo.

Não representava ninguém, não era enviado por nenhum outro mandatário de qualquer país vizinho.

Não seria recebido por nenhum ministro seu par, não tomaria chá, sopa, ou pão assado sobre uma pedra aquecida, não se assentaria nas cadeiras luxuosas do palácio, nem tinha cacife para que as dançarinas fizessem qualquer apresentação para deixá-lo de pelos arrepiados.

Ele é um jovem pouco expressivo, vendido por míseras moedas a mercadores ismaelitas, que posteriormente o vendem para um representante do exército do Faraó, para o comprador, aquele era apenas mais um escravo; apenas, negócio.

– Quando alguns negociantes midianitas passaram por ali, os irmãos de José o tiraram do poço e o venderam aos ismaelitas por vinte barras de prata, E os ismaelitas levaram José para o Egypt[55].

Os valores foram: vinte moedas de prata, na primeira transação, na segunda, não aparecem o valor da revenda, portanto o lucro que os midianitas tiveram, não fica claro.

José não tinha nenhuma importância para os Ismaelitas, desfazer daquele peso, era provavelmente o plano número um para aqueles mercadores, e foi o plano que eles levaram a cabo, assim que chegaram ao Egypt.

José é a mercadoria, valor da transação não revelado, (8) – Potifar comprou-o da mão dos ismaelitas que o tinha levado lá[56].

Ninguém menos que Potifar; supomos que fosse um investidor no ramo, compra e venda de pessoas, sem pelo menos se importar com sua origem, família; a que povo pertencia, para ele, era apenas mais um negócio, e, diga-se de passagem, talvez o melhor negócio já feito por ele, o melhor escravo, de acordo com a narrativa Bíblica, a partir do versículo dois do capitulo trinta e nove do Livro de Gênesis, ele foi o escravo número um, próspero, e sábio, Potifar o colocou sobre todos os assuntos que pertenciam a família, cuidava de todo o patrimônio deles, e o texto sagrado diz, que tudo prosperava em suas mãos.

Não se tratava de negócios milionários relacionados à venda de escravos antigos ou de jogadores de futebol na atualidade.

Mas, para o Egypt, foi um GRANDE NEGOCIO.

Potifar, na mitologia egípcia era: ‘pertencente ao sol. ’

Capitão das guardas de Faraó.

A busca por realizações, sucesso, ou a fome, o exílio político, fuga de catástrofes, são alguns dos fatores que levam as pessoas em risco de morte, a se aventurar, cruzar fronteiras protegidas com fortes guarnições a fim de alcançar o país dos sonhos.

X – Como é lá

A busca por realizações, sucesso, ou a fome, o exílio político, fuga de catástrofes, são alguns dos fatores que levam as pessoas em risco de morte, a aventurar, cruzar fronteiras protegidas com fortes guarnições a fim de alcançar o país dos sonhos.

E COMO É LÁ? Perguntaria alguém.

Falamos um pouco sobre o país, passaremos a falar um pouco sobre a religião do seu povo.

O EGYPT E SEUS DEUSES

Os egípcios eram politeístas, venerava a natureza, adoravam desde um totem, até o rio Nilo.

Espiritualizavam até mesmo alguns animais, acreditando que suas ações como as de um cão na proteção da casa eram traduzidas como uma atitude sobrenatural.

Veneravam o Sol e o Rio Nilo, como sendo as duas principais fontes conservadoras da vida.

Possuíam numerosas divindades que eram adoradas
À medida que a adoração se torna diversificada, os povos inventam novos santos ou deuses, por acreditarem em um suposto milagre, fazem novas consagrações, beatificações e até as canonizações de alguns.

O Faraó era considerado como um verdadeiro deus, filho de Amon-Rá, e a encarnação viva de Hórus.

Os egípcios julgavam que toda a felicidade do povo dependia dele, e, para atrair esta felicidade, havia muitas cerimônias religiosas, e o povo se prostrava aos seus pés.

Cada distrito tinha sua divindade como; um padroeiro ou uma padroeira, considerados superiores (na localidade) aos outros deuses, e, portanto, mereciam um culto especial.

Uma das principais marcas do povo egípcio era a religiosidade, o Rio Nilo, gatos, cães, crocodilos serpentes, e outros animais, ou mesmo as forças da natureza, eram objetos de adoração, ou representavam os seus deuses.

Como politeístas que eram, e seus deuses antropozoomórficos, acreditavam secretamente em uma existência extraterrena e para isto se preparavam durante toda a vida, era um povo muito religioso, e dava formas humanas e de animais a seus deuses.

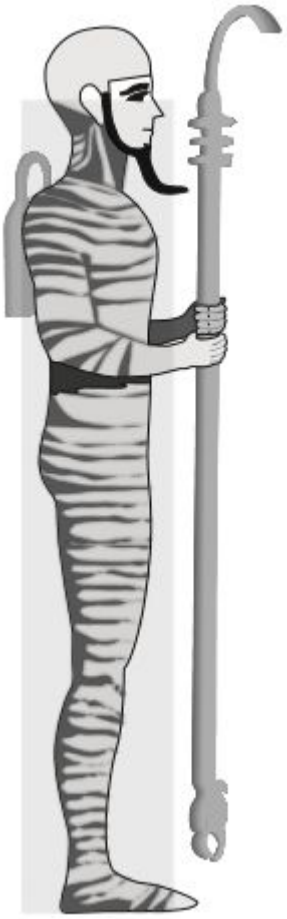
Os deuses eram cultuados em templos grandiosos, como Karnak, Luxor, Edfu e Aboud-Simbel.

OS PRINCIPAIS DEUSES DO EGYPT.

A seguir, destacaremos figuras dos principais deuses adorados no Egypt, um breve relato e poderemos verificar se há alguma ligação ou não com os tempos pós-moderno, ou se as pragas foram enviadas com algum proposito em atingi-los.

XI – Os deuses

PTÁ



O deus supremo, ou chefe dos deuses era PTÁ,

1º – PTAH, – considerado como sendo o deus supremo, adorado principalmente em Mênfis que foi a capital do Egito no Antigo Império, Ptha é “aquele que afeiçoou os deuses e fez os homens” e “que criou as artes”.

Concebeu o mundo em pensamento e o criou por sua palavra.

Seu grande sacerdote chama-se “o superior dos artesãos”.

Muito venerado pelos trabalhadores manuais, particularmente pelos ourives.

Tem o préstimo dos operários de Deir el-Medineh, apresenta-se com uma vestimenta colante que lhe dá a impressão de estar sem pescoço e usando na cabeça uma calota.

Tem como esposa a deusa Sekhmet e por filho Nefertum, o deus do nenúfar (plantas aquáticas).

AMOM OU AMON



2º – AMOM ou AMON era o deus que animava a natureza, o deus-carneiro de Tebas, rei dos deuses e patrono dos faraós, ele é o senhor dos templos de Luxor e Karnac.

Tinha Mut como esposa e por filho Khonsu, passou a ser cultuado por volta de 2.000 a.C. e trazia algumas funções de Rá, sob o nome de Amon-Rê ou Amon -Rá, o criador dos deuses e da ordem divina.

Ele era o sol que dava vida ao país, à época da dinastia de Ramsés III.

Amon tornou-se um título monárquico, o mesmo título que Ptah e Rá.

Era representado como um homem vestido com a túnica real e usando na cabeça duas altas plumas do lado direito, ele se manifestava, igualmente, sob a forma de um carneiro e, mais raramente, de um ganso.

BASTE OU BASTET



3º – BASTE ou BASTET – era a deusa das paixões amorosas.

Era representada com figura de uma gata, ou uma mulher com cabeça de gata, essa deusa simbolizava e representava os poderes benéficos do Sol.

Seu centro de culto era Bubástis, cujo nome em egípcio (Per Bast) o que significava a casa de Bastet.

Em seu templo naquela cidade a deusa-gata era adorada desde o Antigo Império e suas efígies eram bastante numerosas, existindo, ainda, muitos exemplares delas pelo mundo.

Quando os reis líbios da XXII dinastia fizeram de Bubástis sua capital, por volta de 944 antes de Cristo, o culto da deusa tornou-se particularmente desenvolvido.

ATUM OU TUN



4º– ATUM ou TUN – era o sol da tarde, que possui a força criadora, e despenseiro da brisa da tarde, uma das manifestações do deus sol, especialmente ao entardecer, original de Heliópolis, era representado por um homem barbado usando a coroa dupla do faraó e menos frequente era representado como uma serpente usando as duas coroas do Alto e do Baixo Egito.

Era considerado o rei de todos os deuses, aquele que criou o universo.

É o mesmo deus Rê ou Rá que gerou Shu o Ar e Tefnut a umidade.

Atun e Rê ou ainda, Rá, foram mais tarde unidos ao deus carneiro de Tebas, surgindo assim o deus Amon que ficou conhecido pelo nome de Amon-Rê ou Amon-Rá.

ANUBIS



5º – ANUBIS - Deus chacal, protetor e patrono dos embalsamadores, filho de Seth e Néftis, Anúbis era o mestre dos cemitérios, e era considerado o primeiro entre eles, a quem se devia o protótipo das múmias, principalmente a de Osíris.

Todo egípcio esperava beneficiar-se em sua morte do mesmo tratamento e do mesmo renascimento desta primeira múmia.

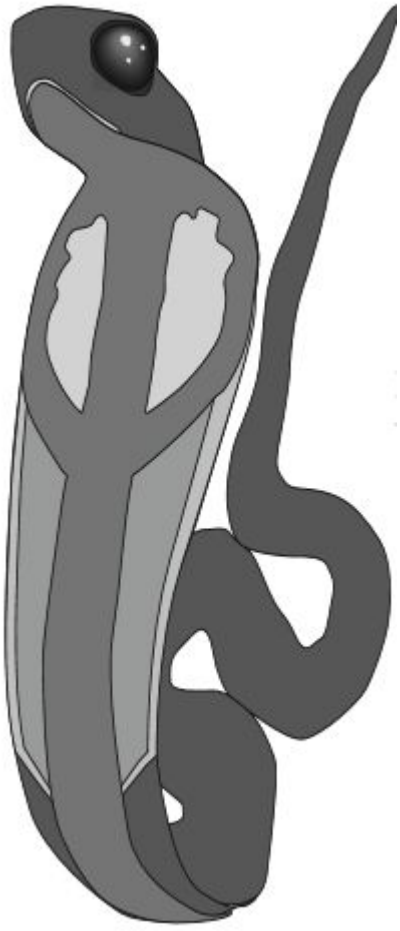
Anúbis também introduzia os mortos no além e protegia seus túmulos com a forma de um cão vigilante, deitado em uma capela ou caixão.

Era também associado ao chacal, animal que frequentava as necrópoles e que tinha por hábito desenterrar ossos, paradoxalmente para os egípcios representava a divindade considerada a guarda fiel dos túmulos.

No reino dos mortos, era associado ao palácio de Osíris, na forma de um homem com cabeça de cão ou chacal, era o juiz que, após uma série de provas por que passava o defunto, ele definia se este era justo e merecia ser bem recebido no além-túmulo, ou se, ao contrário, seria devorado por um terrível monstro, chamado Amut.

Anúbis tinha seu principal centro de culto em Cinópolis.

APÓFIS



6º - APÓFIS – a serpente que habitava o além-túmulo, representava as tempestades e as trevas.

É descrita no chamado Livro de Him no Inferno, uma obra que narra a viagem do deus Sol pelo reino das sombras durante a noite.

Nessa jornada, enquanto visitava o reino dos mortos, a divindade deus-sol, lutava contra vários demônios que tentavam impedir sua passagem.

As serpentes estavam entre os adversários mais perigosos e o demônio líder de todos eles, era Apófis a grande serpente.

A mitologia egípcia incluía muitos deuses e deusas, porém, geralmente representavam o mesmo conjunto de forças e arquétipos. (Modelos de seres criados).



APIS

7º - ÁPIS – o boi sagrado que os antigos egípcios consideravam como a expressão mais completa da divindade sob a forma animal e que encarnava ao mesmo tempo, os deuses Osíris e Ptah.

O culto do boi Ápis, em Mênfis, existia pelo menos desde a I dinastia.

Também em Heliópolis e Hermópolis este animal era venerado desde tempos remotos.

Essa antiga divindade agrária simbolizava a força vital da natureza e sua força geradora.

Provavelmente, os hebreus carregaram em sua cultura a adoração a Ápis, e como não tinham uma imagem de porte grande no deserto, enquanto Moisés falava com Deus e recebia as Tábuas da lei de suas mãos (Os Dez Mandamentos), confeccionaram ‘um’, para ser seu objeto de culto, o que causou a quebra das Tábuas da lei na chegada de Moisés no acampamento, vejamos o texto.
E disseram:

– Não sabemos o que aconteceu com Moises, aquele homem que nos tirou do Egypt[57].

Portanto, faça para nós deuses que vão à nossa frente.

Arão disse: – Tirem os brincos de ouro que as suas mulheres, os seus filhos e a s suas filhas estão usando e tragam para mim.

Então os israelitas tiraram das orelhas os brincos de ouro e os trouxeram a Arão.

Ele pegou os brincos, derreteu-os, derramou o ouro dentro de um molde e fez um bezerro de ouro.

Então disseram ao povo:

– Povo de Israel, estes são os nossos deuses, que nos tiraram do Egypt. Construiu um altar diante do bezerro de ouro e anunciou ao povo:

– Amanhã haverá uma festa em honra de Deus, o Senhor.

– No dia seguinte, de manhã cedo, eles trouxeram alguns animais para serem queimados como sacrifício e outros para serem comidos como ofertas de paz. Depois o povo sentou-se para comer e beber e se levantou para se divertir.

Seremos passivos das influencias de fora, no nosso comportamento?

Abriremos mãos de princípios que temos adquiridos?
Até onde o ser humano é capaz de suportar pressão?

BABUINO

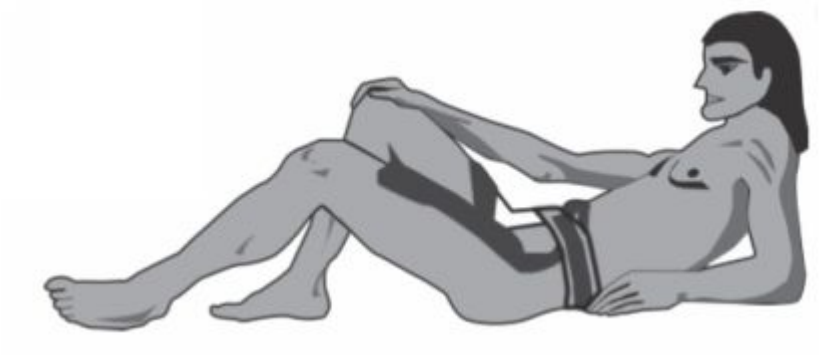


8º - BABUÍNO – ou cinocéfalo é um grande macaco africano, cuja cabeça oferece alguma semelhança com os cães.

No antigo Egito esse animal estava associado ao deus Thoth, considerado o deus da escrita, do cálculo e das atividades intelectuais.

Era o deus local em Hermópolis, principal cidade do Médio Egypt.

Deuses particularmente numerosos pareciam ter se fundido no deus Thoth; como: deuses-serpentes, deuses-rãs, um deus-íbis, um deus-lua e este deus-macaco.



GEB

9º - GEB, – o deus da terra era tido como irmão e marido de Nut.

Considerado o suporte físico do mundo material, sempre deitado sob a curva do corpo de Nut.

Ele era o responsável pela fertilidade e pelo sucesso nas colheitas.

Estimulava o mundo material dos indivíduos e lhes assegurava enterro no solo após a morte.

Geb era adorado como aquele que umedece o corpo humano na terra e o sela para a eternidade.

Nas pinturas é sempre representado com um ganso sobre a cabeça.

HÁTOR



10º - HÁTOR, – Era considerada como a personificação das forças benéficas do céu, depois de Isis era a mais venerada das deusas.

Distribuidora do amor e da alegria, deusa do céu e protetora das mulheres, nutriz do deus Hórus e do faraó, patrona do amor, da alegria, da dança e da música.

Também era a protetora da necrópole de Tebas, que sai da falésia para acolher os mortos e velar os túmulos.

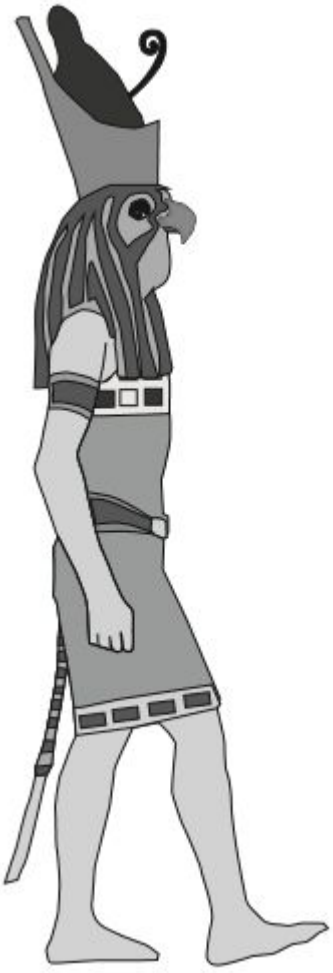
Seu centro de culto era a cidade de Dendera, mas havia templos dessa divindade por toda parte.

A deusa era representada na forma de uma mulher com chifres de vaca e um disco solar na cabeça.

Ou representada ainda por uma mulher com cabeça de vaca ou representada por uma vaca que usava um disco solar e duas plumas entre os chifres.

Às vezes era retratada por um rosto de mulher visto de frente e provido de orelhas de vaca, a cabeleira separada em duas abas com as extremidades enroladas.

HORUS



11º – HORUS, – deus falcão; adorado pelos camponeses, filho de Isis e Osíris. Na mitologia egípcia Hórus teve uma infância difícil, sua mãe o escondeu do seu tio Seth que cobiçava o trono de seu pai Osíris.

Após ter triunfado sobre Seth e as forças da desordem, ele toma posse do trono dos vivos; o Faraó era sua manifestação na terra.

Ele era representado como um homem com cabeça de falcão ou como um falcão, sempre usando as duas coroas do Alto e Baixo Egypt.

Na qualidade de deus do céu, Hórus era o falcão cujos olhos são o sol e a lua.

Com o nome de “Hórus do horizonte”, assumia uma das formas do sol, a que clareia a terra durante o dia.

Era considerado o mantenedor do universo e de todo tipo de vida, Hórus era adorado em todo lugar. Era considerado o mais importante de todos os deuses, aquele que guia as almas até o Dwat (Reino dos Mortos).

ISIS



12º – ISIS, – Deusa da magia, da vegetação e das sementes, é a mais popular de todas as deusas egípcias.

Considerada a deusa da família, o modelo de esposa e mãe, invencível e protetora.

Usa os poderes da magia para ajudar os necessitados. Ela criou o rio Nilo com as suas lágrimas.

Conta a lenda que, após a morte de Osíris, ela transforma-se em um milhafre para chorá-lo, e reuniu os pedaços de seus despojos, se empenhou em reanimá-lo e dele concebeu um filho, Hórus.

Ela defendeu com unhas e dentes seu rebento contra as agressões de seu tio Seth.

Perfeita esposa e mãe ela é um dos pilares da coesão sócio - religiosa egípcia. Usa na cabeça um assento com espaldar (trono) que é o hieróglifo de seu nome. (Milhafre-Arcanos do Tarot. Numerologia ensaios da alma, 6. Expressão 9).

ÍBIS



3º - ÍBIS, o íbis branco, ou íbis sagrado, era considerado pelos egípcios como encarnação do deus Thoth.

Uma ave pernalta de bico longo e recurvado.

Existe uma espécie negra e outra de plumagem castanha com reflexos dourados, mas o que era adotado como representante do deus Thoth era o íbis branco, ou íbis sagrado.

Esta ave tem parte da cabeça e todo o pescoço desprovido de penas.

Sua plumagem é branca, exceto a da cabeça, da extremidade das asas e da cauda, que é muito negra.

A outra figura que representava o mesmo deus era a figura de um homem com cabeça de Íbis.



HEPRA

14º - KHEPRA, – Um inseto imundo conhecido como escaravelho, em egípcio, ou também a figura de um homem com um escaravelho no lugar da cabeça eram os legítimos representantes do deus-Sol.

Nesse caso o besouro simbolizava o deus Khepra e sua função era nada menos que a de mover o Sol, como movia a bolazinha de excremento que empurrava pelos caminhos.

Associados à ideia mitológica de ressurreição, os escaravelhos eram motivo frequente das peças de ourivesaria encontradas nos túmulos egípcios.

KHNUM



15º - KHNUM, – um dos deuses relacionados com a criação era simbolizado por um carneiro, animal considerado excepcionalmente prolífico (que procria abundantemente) pelos egípcios.

Segundo a lenda, o deus Khnum, um homem com cabeça de carneiro, era quem modelava em seu forno de oleiro os corpos dos deuses e também dos homens e mulheres, pois plasmava em sua roda todas as crianças ainda por nascer.

Principal deus da Ilha Elefantina, localizada ao norte da primeira catarata do Nilo, onde as águas são alternadamente tranquilas e revoltas.

Tem duas esposas Anuket (águas calmas) e Sati, (a inundação).
Um dos velhos deuses cósmicos; é descrito como autor das coisas que dão origem, das coisas criadas, pai dos pais e mãe das mães.

Sua esposa Anuket ou Heqet, deusa com cabeça de rã, também era associada à criação e ao nascimento.



MAAT

16º – MAAT – deusa da justiça – esta deusa, que trazia na cabeça uma pluma de avestruz, representava a justiça, a verdade, o equilíbrio e a harmonia do universo tal como foi criado inicialmente.

Era também a deusa do senso de realidade.

Filha de Rá e de um passarinho que, se apaixonando pela luminosidade e calor do Sol, subiu em sua direção até morrer queimada.

No momento da incineração uma pena voou.

Era Maat.

É a pena usada por Anúbis para pesar o coração daqueles que ingressam no Dwat.

Em sociedade, este respeito pelo equilíbrio implica na prática da equidade, verdade, justiça; respeito às leis e aos indivíduos; e na consciência do fato o tratamento que se inflige aos outros pode ser infligido aos humanos.

Maát, simbolicamente, que se oferece aos deuses nos templos, é considerada também como protetora dos templos e tribunais.

NUN



17º - va do panteão de Heliópolis.

Perso uas primordiais, a partir do qua dade mais velha e sábia de tod

Era r do, às vezes com uma pena n

Acred le bissexual e às vezes apena

Acred rado Atun (o sol nascente) e

NUT

18 º NUT – deusa do céu que acolhe os mortos no seu



forma de uma vaca.

or estrelas, formava o
e a terra.

sobre Geb, o deus da
is de Osiris, Isis, Seth,

a mãe e a maldade de
ste rasgou o ventre.

NEFTIS



19º - NEFTIS – na crença do antigo Egypt, Neftis era irmã de Ísis e, junto com ela, representava o aspecto dual da natureza;

Ísis representava o bem.
Neftis o mal.

Néftis era a esposa de Seth, mas quando este traiu e assassinou Osíris, por quem era também apaixonado, ela permaneceu solidária à Isis, ajudando - a a reunir os membros espalhados do defunto e também tomando a forma de um milhafre para velá-lo e chorá-lo (milhafre conhecida como águia de asas redondas).

Como Isis, ela protegia os mortos.

O hieróglifo de seu nome é um cesto colocado sobre uma coluna, que usa na cabeça.

Criam também que Néftis na companhia de Isis, acolhem o sol nascente e o defende da terrível serpente Apófis.

OSIRIS



20º – OSIRIS, – Criam que ele era o sol poente, o deus dos mortos.

OSÍRIS era tido como irmão e marido de Isis e pai de Hórus.

Para eles a origem de Osíris, constava nos relatos da criação do mundo, sua geração era a última a acontecer e não representa mais os elementos materiais (espaço, luz, terra, céu...).

Na lenda, que evoca o retorno da vida com a cheia do Nilo, após o período da seca, Osíris era morto destruído e ressuscitado, representando a morte e renascimento da vegetação e de todos os seres.

Por essa razão, ele era o deus dos mortos e do renascimento, rei e juiz supremo do mundo dos mortos.

Acreditava-se que ele teria sido o primeiro Faraó e que teria ensinado aos homens as artes da agricultura e da civilização.

RÁ



21º – RÁ – Era adorado como o deus sol, iluminador do mundo.

Rá ou Rê, deus-sol de Heliópolis, tornou-se uma divindade do estado na Quinta Dinastia.

Era o criador dos homens e os egípcios se denominavam O Rebanho de Rá.

Rá ou Rê, – Era também venerado como o criador dos deuses e da ordem divina, recebeu de Nun seu pai (mãe) o domínio sobre a terra, mas o mundo não estava completamente acabado.

Rá se esforçou tanto para terminar o trabalho da criação que chorou.

De suas lágrimas, que banharam o solo, surgiram os seres humanos, masculinos e femininos.

Eles foram criados como os deuses e os animais e Rá tratou de fazê-los felizes, tudo o que crescia sobre os campos lhes foi dado para que se alimentassem, não deixava faltar o vento fresco, nem o calor do sol, nem mesmo as enchentes ou as vazantes do Nilo.

Era o deus nacional do Egypt, o maior de todos os deuses, criador do universo e fonte de toda a vida, era o sol, objeto de adoração em qualquer lugar.

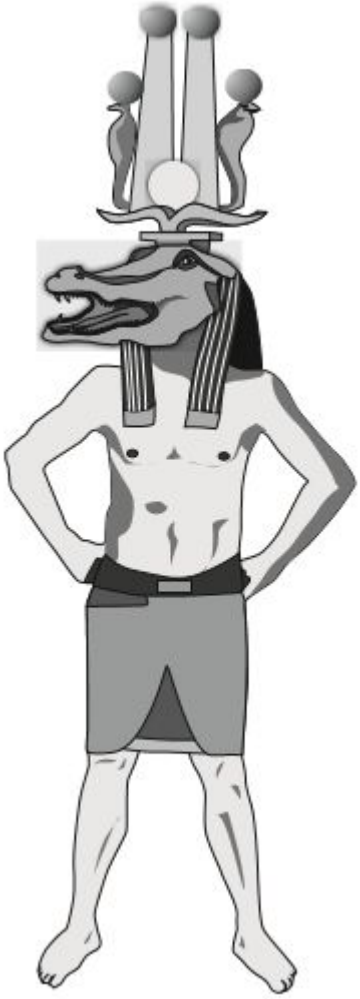
A sede de seu culto ficava em Heliópolis, o mais antigo e próspero centro comercial do Baixo Egypt.

Na Quinta Dinastia; Rá, o deus-sol de Heliópolis, tornou-se uma divindade do estado.

Foi retratado pela arte egípcia sob muitas formas e denominações e era também representado por um falcão, ou por um homem com cabeça de falcão ou ainda, mais raramente, por um homem.

Quando representado por uma cabeça de falcão estabelecia-se uma identidade com Hórus, outro deus solar adorado em várias partes do país desde tempos remotos.

SOBEQUE OU SEBEK



22º - SOBEQUE ou SEBEK - O deus crocodilo, guardião do NILO.

SEBEK, um crocodilo ou um homem com cabeça de crocodilo representavam essa divindade aliada do implacável deus Seth.

O deus-crocodilo era venerado em cidades que dependiam da água, como Crocodilópolis, seu centro de culto, na região do Faium, onde os sáurios eram criados em tanques e adornados com joias, eram protegidos, nutridos e domesticados.

Um homem ferido ou morto por um crocodilo era considerado privilegiado.

A adoração desse animal foi importante durante o Médio Império.

SET OU SETH



23º – SET ou SETH, – Adorado como o vento quente e mau do deserto; personificava a ambição e o mal.

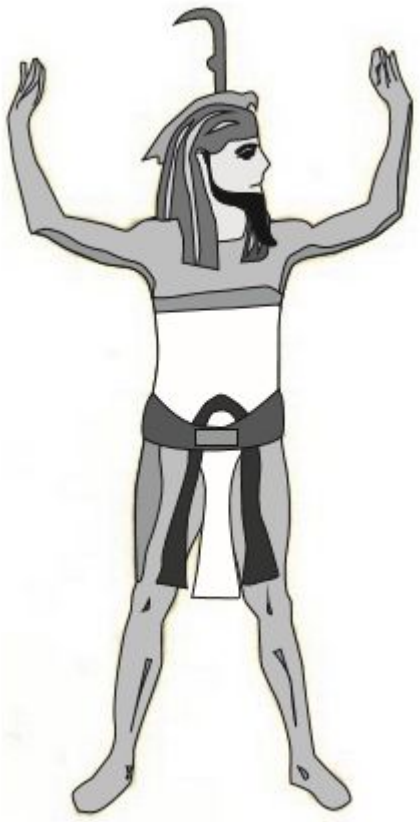
Considerado o deus da guerra e senhor do alto Egypt, durante o domínio dos Hicsos, tinha seu centro de culto na cidade de Ombos.

Embora inicialmente fosse um deus benéfico, com o passar do tempo tornou-se a personificação do mal.

Era representado por um homem com a cabeça de um tipo incerto de animal, parecido com um cachorro de focinho e orelhas compridas e cauda ereta, ou ainda como Tífon, um animal imaginário formado por partes de diferentes seres, com a cabeça de um bode, orelhas grandes, como um burro.

Associavam-no ao deserto aos trovões e às tempestades, identificado com o lado negativo da lenda, a luta entre Osiris e Seth era a luta da terra fértil contra a areia do deserto.

SHU



24º - SHU – Era venerado como o deus do ar e da luz.

Personificação da atmosfera diurna que sustenta o céu.

Tinha a tarefa de trazer Rá; o deus Sol, seu pai, e o Faraó à vida no começo de cada dia.

Era representado por um homem barbado usando na cabeça uma pena simples ou quatro longas plumas.

Era a essência da condição do gênero masculino, calor, luz e perfeição.

Aparecia frequentemente nas pinturas como um homem segurando Nut, a deusa do céu, para separá-la de Geb, o deus da Terra.

Com Tefnut, sua esposa, formava o primeiro par de divindades da enéade de Heliópolis. Era associado ao Leão.

SEKHMET



25º - SEKHMET – Era representa por uma mulher com cabeça de leoa, encimada pelo disco solar, era uma de suas representações que, por sua vez, simbolizava os poderes destrutivos do Sol.

Embora fosse representada por uma leoa sanguinária, também, operava curas e tinha um frágil corpo de moça.

Era a deusa cruel da guerra e das batalhas e tanto causava quanto curava epidemias.

Essa divindade feroz era adorada na cidade de Mênfis.

Sua juba, diziam, era cheia de chamas, sua espinha dorsal tinha a cor do sangue, seu rosto brilhava como o sol.

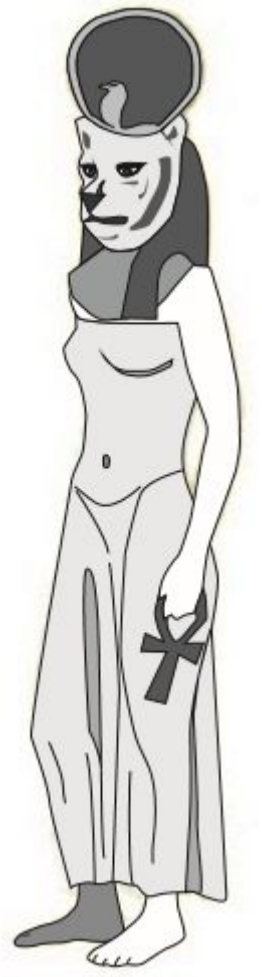
O deserto ficava envolto em poeira, quando sua cauda o varria.

SELKHET



26º - Selkhet – Era temida como a deusa da morte tinha como símbolo um escorpião na cabeça e providenciava alimentos para os mortos.

TEFNUT



27º - TEFNUT, – considerada a deusa da umidade vivificante, que espera o sol libertar-se do horizonte leste para recebê-lo e não há seca por onde Tefnut passa.

A deusa era considerada como irmã e mulher de Shu, e o símbolo das dádivas e da generosidade.

Era retratada como uma mulher com a cabeça de uma leoa, indicando poder.

Atos do casal:

Enquanto Shu afasta a fome dos mortos, Tefnut afasta a sede.

Eram considerados como sendo os progenitores de Geb e Nut.

TOTH



28º TOTH, – Adorado e venerado como o deus da ciência, protetor dos escribas e da alegria, divindade à qual era atribuída a revelação ao homem de quase todas as disciplinas intelectuais; a escrita, a aritmética, as ciências em geral e a magia.

Era o deus-escriba, o deus letrado por excelência.

Teria sido o inventor da escrita hieroglífica e era o escriba dos deuses; senhor da sabedoria e da magia.

O que faz dele o patrono dos escribas que lhe endereçavam uma prece antes de escrever.

“Mestre das palavras divinas”.

Para a cultura egípcia antiga, Toth presidia a medida do tempo, o disco na cabeça é a lua, cujas fases ritmam os dias e as noites.

Representado como um íbis ou um homem com cabeça de íbis, ou ainda um babuíno.

TUÉRIS



29º - TUÉRIS – (Taueret) era a deusa-hipopótamo que protegia as mulheres grávidas e os nascimentos.

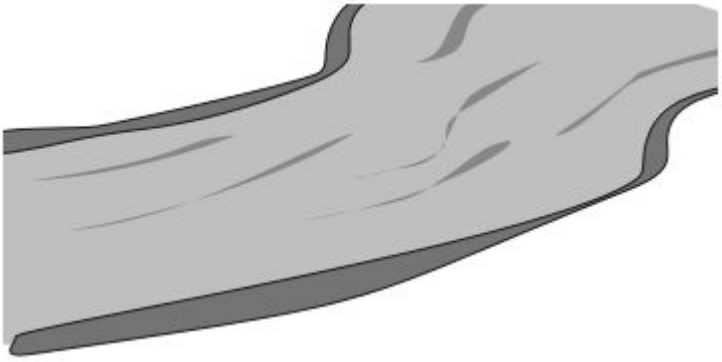
Ela assegurava fertilidade e partos sem perigo.

Adorada em Tebas, era representada em inúmeras estátuas e estatuetas sob os traços de um hipopótamo fêmea, erguido com patas de leão, mamas pendentes e costas terminadas por uma espécie de cauda de crocodilo.

Além de amparar as crianças, Tueris também protegia qualquer pessoa de más influências durante o sono.

NILO

30º – Nilo, o



UM P

‘NIL
O N os.
‘Sal erra e que vens em paz para dar vida ao Egito.
Regas a terra em toda parte, ó deus dos grãos, senhor dos peixes, protetor do trigo e da cevada...
Logo que suas águas se erguem, a terra se agita de alegria, todo ventre se regozija de alegria, todo o dorso é sacudido pelo riso e todo dente tritura.
Ele traz as provisões deliciosas cria todas as boas coisas necessárias para os sacrifícios a todos os deuses.
Ele abrange dois países, e os celeiros enchem-se, os entrepostos regurgitam, os bens dos pobres se multiplicam; torna feliz cada um, conforme seu desejo...
Não se esculpem pedras nem estátuas em sua honra, nem se proferem palavras misteriosas para o seu encantamento, não se conhece o rei cujos decretos são estabelecidos pela terra inteira, por quem são bebidas as lágrimas de todos os olhos e que é pródigo de suas bondades’.

O grupo de deuses que acabamos de ver neste capítulo, talvez sirva como resumo, dando assim uma visão do politeísmo egípcio que perdurou durante milênios.

Outros deuses menores e que também eram adorados e venerados no antigo Egypt.

Gato – adorado pelo fato de afugentar os ratos inimigos da colheita.

Cão – (cachorro), adorado por ser o protetor da casa.

Crocodilo – era também adorado, como um deus no Nilo.

No seu culto, em Tebas, crianças eram oferecidas como recompensa, (alimento).

Touro – era adorado e sua morte causava luto em todo país.

XII – Para lá foi o povo de Israel

Se eu estou certo; quero admitir que em uma das situações vistas no capítulo V é que o querido leitor poderá identificar com facilidade alguém que esteja tentando chegar ao porto seguro para sua vida, no entanto, o nosso jovem não é um fugitivo e nem um aventureiro.

Aventuras ocorrem muito em nossos dias.

É, sim, um jovem; vendido como escravo, e está sendo levado para o EGYPT.

À medida que José ouvia e via as passadas dos camelos em direção oposta ao seu lar, ele sentia que os seus sonhos estavam esmagados, via as suas esperanças ruírem.

É bem provável que o comercio de seres humanos fosse bem desenvolvido, já nos seus dias, governos precisavam deles para atuar nos serviços braçais, cultivo da terra e limpeza de suas cidades, cuidar dos seus pomares, e, em alguns casos, dada a beleza escultural, inteligência, e desenvoltura do preso, uns eram feitos eunucos, outros copeiros outros aram colocados em algum cargo na administração pública.

Os cidadãos de posse os compravam para serviços diversos.

– Ouve agora a minha oração e as orações de todos os outros teus servos que tem prazer em te adorar[59]. Faz com que eu tenha sucesso hoje e que o rei seja bondoso comigo. Nesse tempo eu estava encarregado de servir vinho ao rei.

– Em seguida o rei colocou Daniel como alta autoridade do reino e lhe deu também muitos presentes de valor[60].

Intencionalmente, evitamos qualquer comentário sobre os textos referentes às pessoas de Neemias e Daniel, destarte, o leitor

ficará livre para fazer suas investigações nos livros destes grandes homens, debruçar sobre os mesmos e descobrir como o sucesso alcança homens notáveis que acharam o caminho mais curto na oração no temor e obediência a Deus para desfrutar dele.

A fome foi por mais de uma vez o principal algoz de Abrão Isaque e Israel, e a principal motivação para levá-los ao país vizinho, não era por ser talvez aquele o mais desejado nem a terra prometida, porém, era o que no momento apresentava melhores condições para quem está com a família toda à beira da morte por falta de víveres.

– Naquele tempo houve uma fome tão grande na terra de Canaã, que Abraão foi morar por algum tempo no Egypt[61].

– Todas as terras vinham ao Egypt, para comprar de José, porque a fome prevaleceu em todo o mundo[62].

– Então os dez irmãos de José por parte de pai, foram até o Egypt para comprar mantimento[63].

– A fome continuava muito grande em Canaã[64]. Quando as famílias de Jacó e dos seus filhos comeram todo o mantimento que tinha sido trazido do Egypt, Jacó disse aos filhos: - Voltem ao Egypt e comprem mais um pouco de alimento para nós.

– Todas as terras vinham ao Egypt[65], para comprar de José, porque a fome prevaleceu em todo o mundo. – O mundo conhecido pelos egípcios da época abrangia regiões que hoje vão da Turquia ao Irã, bem como todo o resto do Oriente Médio e o nordeste da África, atualmente; Líbia, Sudão e Etiópia bíblia de estudos vida.

A ambição ou o desejo das pessoas relacionadas nos textos bíblicos que estamos apreciando estava além do país vizinho onde deveriam viver por um pouco de tempo, o desejo delas estava além daquela fronteira. Destarte elas desejavam sua própria pátria, pátria

esta onde poderiam construir os seus lares, cultivar suas terras cuidar de seus rebanhos, educarem os seus filhos amar suas esposas, e acima de tudo: ADORAR O SEU DEUS.

O jovem hebreu entrou no Egypt desclassificado; e sem qualquer identidade, mas, administra os bens do país como poucos, e ao receber os seus irmãos em sua casa, muito tempo depois, mostra para o mundo o que é um coração regado pelo amor e pelo perdão.

Quando receberam os seus irmãos como compradores de mantimento pela segunda vez, fez o que segue, (insisto com meu leitor; não despreze este livro) veja;

– José não conseguiu mais controlar as suas emoções diante dos seus empregados, de modo que gritou: – saiam todos daqui.
Por isso nenhum dos empregados estava ali quando José contou a seus irmãos, quem ele era.

Ele começou a chorar tão alto, que os egípcios ouviram, e a notícia chegou até o palácio do rei. José disse aos irmãos:

– Eu sou José. O meu pai ainda está vivo? – Quando os irmãos ouviram isso ficaram tão assustados que não puderam responder nada. José disse:

– Cheguem mais perto de mim, por favor. – Eles chegaram, e ele continuou:

– Eu sou o vosso irmão José, aquele que vocês venderam a fim de ser trazido para o Egypt. Agora não fiquem tristes nem aborrecidos com vocês mesmos por terem me vendido a fim de ser trazido para cá.

Foi para salvar vidas que Deus me enviou na frente de vocês. Já houve dois anos de fome no mundo, e ainda haverá mais cinco anos em que ninguém vai preparar a terra, nem colher.

Deus me enviou na frente de vocês a fim de que ele, de um modo maravilhoso, salvasse a vida de vocês aqui neste país e garantisse que teriam descendentes.

Portanto, não foram vocês que me mandaram para cá.

Mas foi Deus. Ele me pôs como o mais alto ministro do rei.

Eu tomo conta do palácio dele e sou governador de todo o Egypt.

Agora voltem depressa para casa e falem ao meu pai que o seu filho José manda lhe dizer o seguinte: “Deus me fez governador de todo o Egypt. Venha me ver logo; não demore. O Senhor morará na Região de Gósen e assim ficará perto de mim.

O senhor, os seus filhos os seus netos, as suas ovelhas, as suas cabras, o seu gado e tudo o que é seu. A fome ainda vai durar mais cinco anos, e em Gósen eu darei mantimentos ao senhor à sua família e aos seus animais. ‘Assim não lhes faltará nada’”.

E José continuou a falar a seus irmãos. – Todos vocês e Benjamim, o meu irmão, podem ver que sou eu mesmo, José quem está falando.

Contem ao meu pai como sou poderoso aqui no Egypt, contém tudo o que tem visto.

Vão depressa e tragam o meu pai para cá.

XIII – Jacó visita Faraó e o abençoa

Vão depressa e tragam o meu pai para cá.

O país dos Faraós os recebe muito bem, o próprio Faraó forneceu carros com orientação espetacular quanto ao deslocamento dos filhos de Israel[66].

Destacou uma área para que eles ali habitassem sem serem molestados ou incomodados pelos egípcios, ali deveriam cultivar a terra, criar os seus rebanhos, formar famílias, comercializar, deveriam fazer parte da nação, com algumas ressalvas, reservas de governo.

Israel se adaptou tão bem na terra dos filhos de Misraim (filho de cão, que veio a ser o primeiro rei do Egypt, provavelmente), que ao sair, no deserto, teve desejo de voltar, mesmo sabendo que ao cruzar o Jordão, estariam iniciando a formação de uma nação.

A administração de todo o país estava sob a responsabilidade do governador José, (chamado hoje popularmente como José do Egito), o segundo no reino abaixo apenas do Faraó, em razão da clareza apresentada na interpretação dos sonhos do mandatário, e na reunião no palácio o Faraó lhe disse. ‘O meu povo será governado por ti, e somente no trono eu serei maior do que tu’[67].

José era um preso que tinha a benevolência do Senhor Deus Jeová, e o fez próspero mesmo dentro do cárcere.

E isso apesar do aparente esquecimento do copeiro[68], foi a grande credencial para lhe dar acesso ao palácio, no entanto, caso falhasse, não teria a mesma benevolência do Faraó. Supomos!

Quando a vida fecha uma porta, abre uma janela. Então pule. Foi o que José fez.

Não se tratava de preso político, fugitivo de guerra ou catástrofe nem estava pedindo asilo político, era apenas um escravo e não representava qualquer ameaça para o país.

Depois de reanimar e apressar o Faraó, conforme consta na referência[69], dizendo: – 'Porque a coisa é estabelecida por Deus, e Deus se apressa a fazê-la'.

Deu detalhes a Faraó e como deveria formar uma equipe de governo para aqueles fins e deixando claro que não ambicionava cargo político administrativo, ou qualquer atividade no seu governo[70].

Apresentou-se diante do Faraó, porque foi chamado, ao terminar, teve a sensação do dever cumprido e ia dando meia volta, provavelmente tinha em mente que assim que terminasse sua missão ali, deveria ser reconduzido pela guarda do cárcere, e iria cumprir sua sentença, que não se sabia por quanto tempo deveria permanecer na prisão, entretanto, a palavra do mandatário, lhe traz o perdão por qualquer (suposto) delito cometido contra a casa do seu amo, colocando-o em liberdade tão completa e para a grande surpresa do preso e dos demais, foi elevado ao segundo lugar na administração do país, somente o Faraó estava acima dele.

Aquele homem José, estava acostumado a degustar folhas de ervas amargas como que para ajudar na digestão.

Aquela dinastia parece ser a que mais trouxe riquezas para o estado, período esse em que o país mais desenvolveu e cresceu 'as terras, gado e poder econômico do povo foi adquirido por José, para Faraó' conforme se pode ler no texto indicado[71].

A fome não ficou limitada ao território egípcio, mas os países vizinhos também foram vítimas da fome, os recursos foram diminuindo a tal ponto, que o empobrecimento alcançou todo o mundo, conforme já analisado, e essa gangorra da vida, conforme dizia Gióia Junior em seu poema, “quando um sobe o outro desce”, vale também para a vida econômica das pessoas individualmente como também para um país. A pobreza de uns é a riqueza dos outros, assim continua o que parece ser essa coisa desigual.

Jacó, atendendo ao pedido de seu filho, e o anseio de reencontrá-lo, viu renascer no seu coração o grande desejo de voltar a viver um pouco mais em companhia do seu predileto, não hesitou em se transferir imediatamente para o Egypt; o palácio de Faraó também mobilizou para trazê-lo, com suas esposas, (exceção a Raquel que havia morrido de parto do seu segundo filho, Benoni, ou Benjamim para o pai)[72] filhos, netos e rebanhos[73].

Israel estava radiante com tudo o que estava acontecendo com ele já na sua velhice, enquanto pensava que tudo havia terminado; tem a notícia mais auspiciosa ao saber que seu filho está vivo e governa o país vizinho e acima de tudo, recebe o encorajamento mais importante que uma pessoa possa ter, vejamos:

– Jacó partiu com tudo o que tinha e foi até Berseba, onde ofereceu sacrifício ao Senhor Deus de seus pais[74]. Naquela noite, Deus o chamou assim:

– Jacó, Jacó! – Eu estou aqui – respondeu. Deus disse:
– Eu sou Deus, o Deus do seu pai. Não tenha medo de ir para o Egypt, pois ali eu farei que os teus descendentes se tornem em uma grande nação. Eu irei para o Egypt com você. E trarei os teus descentes de volta para esta terra. E quando você morrer, José estará ao seu lado.

– O que mais Israel poderia esperar?

Bem, o velho coração de cento e trinta anos[75], que batia dentro do peito de Israel, estava agora em descompasso batendo em compassos alterados, e o desejo de abraçar o filho que até aquele momento era dado por morto, o seu órgão vital fica ainda mais acelerado.

Envia Judá em sua frente e pede para que José o aguarde em Gósen[76].

Ao encontrar o filho[77], que o esperava na terra de Gósen, o abraça longamente e choram um no ombro do outro.

José teve o cuidado de orientar os seus irmãos, quando fossem indagados das suas habilidades, informassem que eram pastores de bovinos, ovinos e caprinos, e isto iria ajuda-los nas suas estadias no país e até mesmo o interesse de Faraó na mão de obra de alguns.

Instalaram-se na região conforme José havia informado a seus irmãos[78].

Posteriormente José leva seu pai ao palácio, Israel abençoa o Faraó, fala um pouco de sua vida, dos seus antepassados e volta para seu lar na região de Gósen[79].

XIV – Administração de José

A presença de José no poder do país, trouxe uma expansão nas terras do governo[80].

José adquiriu toda a terra e outros patrimônios do povo egípcio para o Faraó.

O povo desenvolvia atividades agrícolas de subsistência, plantava, colhia, ano após ano; colhia e armazenava apenas para o consumo das famílias na entre safra, nunca para longo prazo, nada que justificasse grandes investimentos na agricultura ou pecuária para grandes armazenamentos, e a forma utilizada para conservação dos alimentos dava seus primeiros passos.

Assim quando veio a seca, nenhum planejamento havia no país para irrigação, proteção das lavouras ou preservação dos rebanhos.

Os habitantes na região do delta do Nilo aguardavam as chuvas e o humo que a enchente trazia e que servia de adubo, a irrigação era o resultado daquele fenômeno natural, processo aquele que trazia resultados inimagináveis na colheita, e assim abasteciam o país ano após ano.

O que avizinhava, não era uma enchente que ia espalhar água no delta, e sim uma grande riqueza na agricultura em todo país, e, ia surpreender até mesmo aos mais crédulos, e os céticos provavelmente colocariam a mão à boca, caso desacreditasse nas previsões ditas por José na sala de reuniões ao Faraó.

José fez uma lei taxando em um quinto de toda a produção do país, e esse quinto foi armazenado para o tempo da escassez[81].

Assim que terminou a colheita do sétimo ano, iniciou um período negro que começou no próprio Egypt, e se estendeu aos vizinhos, a fome que é negra bateu à porta de todos, quando terminou as reservas domesticas, foram ao governo do Egypt para comprar alimentos, usaram as moedas que tinham como reservas, e posteriormente, os bens da família, servindo como moeda de troca, destarte, José comprou as terras e gado de todas as espécies que os egípcios tinham, aumentando a riqueza do tesouro do país, e, enquanto isso, os seus parentes foram beneficiados[82], com a política implantada no país por Faraó e regida por sua batuta.

Mesmo depois da morte de seu pai Jacó, (Israel), ele garantiu a subsistência de todos os seus irmãos e suas famílias[83].

Do ponto de vista político, ao término daquela dinastia, e o início de uma nova, o novo Faraó, entendia que a política implantada, e as benesses do governo anterior, para com os hebreus, doando terras, enquanto a administração comprava os animais, as terras dos cidadãos egípcios pagando-os com alimento, a nova dinastia e as futuras, reprovaram a política do tempo do Faraó em que José fez parte do seu governo e desconheceu o benefício que José trouxe ao país.

Com a morte de José, ocorreram mudanças significativas na administração do país, seus supostos inimigos políticos apagaram o seu nome da memória do povo. O afastamento e o desconhecimento que às vezes alguns têm referente ao Senhor Deus[84], leva-os a descrer que existe um dominador e que todos os seres animados e inanimados, estão sob o seu controle, Salmo 50, e o Senhor Jesus disse que: “ – Deus faz que o seu sol se levante sobre maus e bons e a chuva desça sobre justos e injustos”[85].

Consequentemente há um cuidado todo especial da parte de Deus em favor do universo, porém, quando alguém desconhece o seu poder, seu cuidado e seu amor em favor de todos, e repudiam quem está por perto, achando que morrerão de fome, de sede de nudez, nutre o pensamento que a melhor maneira de manter a sua sobrevivência, é afasta-los por completo e se possível for, apagar os seus nomes da memória do povo.

Não houve monumento erigido com o nome de um hebreu estampado em alto ou baixo relevo, homenageado pelo povo e governo do país, nada que eternizasse o seu nome ali, uma pirâmide com o seu corpo embalsamado, guardado por homens armados, caixotes com vários pertences que eram usados em cerimônias e reuniões com o grande mandatário do país, muitas peças da sua indumentária, ou sua esfinge demonstrando um homem escravo de vida curtida, salgada pela experiência nada disso foi feito, (pelo que se sabe) e sim um embalsamamento de categoria inferior, haja vista que, José fez jurar os seus irmãos que quando Deus os visitasse, deveriam levar os seus ossos daquela terra, e não o seu corpo[86].

José administrou o país por aproximadamente 80 anos, confere[87].

Deus não é mesquinho!

Destarte, houve uma grande preocupação na administração do país e consequentemente surgiram inimigos, sem motivos aparentes.

Iniciou-se assim um período avesso ao da chegada de Israel com seus filhos e filhas no Egypt, aquela nova administração que procurou apagar a memória de José o prisioneiro, José o interprete, José o administrador, José o faraó número dois no reino, decreta a morte dos meninos, carga horária de trabalho para os hebreus com exigência de cumprimento de tarefas com produção estipulada, e para aguçar mais a dor nos filhos de Israel, determinou que outros

hebreus assumissem o cargo de supervisão nas tarefas de seus irmãos, e, caso a linha de produção não alcançasse o objetivo daquela administração, os feitores sofreriam punições com açoites com o uso de chicotes e varas, criando assim uma situação de animosidade e divisão no grupo, surgindo inimigos entre os próprios hebreus pela interferência do palácio[88].

Assim o palácio se torna o maior inimigo do povo hebreu, o mesmo povo que foi recebido de braços abertos pelo Faraó e seu povo.

O leitor há de convir que se Deus o todo-poderoso, não tivesse criado uma situação contraria para o povo conviver com ela no país onde residia[89] os hebreus teriam maior dificuldade para se desvencilhar, desprender, desligar-se dos atrativos do país, e ir em busca da terra prometida por Deus aos seus antepassados[90].

Um dos procedimentos do inimigo do povo do Senhor Deus Jeová (O SENHOR DOS EXÉRCITOS) é colocar uns como chefes dos outros, para subjugá-los, e criar desentendimentos e desinteligência entre os mesmos, e com isso criar inimizades, distorcer a verdade, criar dúvidas sobre os assuntos do reino de Deus, levar uns a acreditar que os estranhos ao reino de Deus são mais apitos para comandá-los, em detrimento aos seus próprios irmãos, destarte o inimigo folga com a inércia do grande exército do reino que via de regra, cruza os braços e deixa as coisas acontecer, olhando só depois de muito tempo os escombros a ser removido e nem sequer dispõem de uma pá carregadeira para ajudar em tarefa tão difícil, quem sabe com a ajuda de João Batista, encontrarão quem a tem e confiarão nEle, para desenvolver tarefa tão nobre[91].

Os oficiais hebreus tinham a responsabilidade de receber tarefas e levar o seu povo a executá-las.

Quando isto não acontecia, ou os fins não eram alcançados, ocorria o seguinte:

XV – Crise para os hebreus na terra de Misraim

Quando isto não acontecia, ou os fins não eram alcançados, ocorria o seguinte:

O crescimento populacional dos filhos de Israel trouxe certa preocupação para o governo, e, a tal ponto que o levou a tomar medidas únicas com relação ao crescimento demográfico dos hebreus.

As Sagradas Escrituras nos revelam que os hebreus cresciam e se fortaleciam e a terra do Egypt se encheu deles, com esse crescimento populacional o governo egípcio tomou medidas de prevenção contra eles.

Principais preocupações:

a) Maior população que a egípcia.
b) Medo de que os hebreus se tornassem inimigos.
c) Medo que os hebreus viessem a se aliar a exércitos inimigos em caso de guerra.

Medidas de contenção:

a) Orientação às parteiras, para abortar as mulheres hebreias.
b) Sacrificar todo recém-nascido do sexo masculino,
c) Lança-los vivo no rio Nilo como alimento para os crocodilos.
d) Maiorais de tributos.

e) Amargura e dureza nos serviços.

Outras medidas agressivas contra os hebreus após a morte de José.

Inspetores egípcios açoitavam os oficiais hebreus por não ter conseguido êxito nas tarefas recebidas[92].

Estratégia do inimigo:

a) Os Inspetores egípcios delegavam poderes aos oficiais hebreus para desenvolver a supervisão do serviço, aplicando pena no caso de não cumprimento das tarefas.
b) Os oficiais desejavam favores, eram um tipo de aliado dos inspetores.
c) Os oficiais eram açoitados quando da inspeção e verificado o insucesso no programa.
d) Como iriam lidar com seus parentes ao chegar ao canteiro de obras com hematomas no corpo provocados por punição motivados pela ineficiência daqueles trabalhadores?
e) Qual crédito algum líder hebreu iria lograr se ali chegasse com qualquer ideia de libertá-los daquele jugo?

Se o povo de Deus perder a visão que deve ter pelo reino, os antes considerados inimigos passarão e ter uma importância maior em sua vida, repudiando os seus, e abraçando o opositor.

Aqui, os inimigos são chamados de senhores, e são reverenciados[93].

Em determinados momentos o ser humano chega ao seu limite, e se o Senhor Jesus silenciar, ele se deprime, se entrega, fica desolado, descrer, e alguns, (que Deus em Cristo nos guarde) perdem a fé.

Mas Jesus disse: – Eis que estou convosco até o último segundo[94].

– Faraó e o povo egípcio tiveram oportunidade de conhecer ao Senhor Deus de Israel com a presença de José, Jacó e seus filhos, viram como o país alcançou grande desenvolvimento e como foram preservados de morrerem por inanição, mas, tomaram a decisão de perseguir o povo sob serviço escravo e controle de natalidade tentando assim um infanticídio sem precedente na história antiga, mas: o povo egípcio na pessoa do seu Faraó provocou o Senhor Deus de Israel. Assim Deus agiu contra ele.

– Vou ferir o Egito e libertar o meu povo[95].

– Deus não queria machucar o povo egípcio, nem seu Faraó, porém, não admitia que seu povo injustamente passasse por aquelas atrocidades, mesmo porque, em outras ocasiões contendeu com outros povos em defesa dos descendentes de Abraão; e, não seria agora que Israel Iria sofrer e Ele se manteria passivo ao desdém que eles estavam submetidos, outro Faraó já teria vivido essa experiência.

Feriu o Senhor Deus a Faraó e a sua casa[96], por causa de Sarai, mulher de Abrão.

Deus, porém, veio a Abimeleque em sonhos de noite e disse-lhe: – Morto é, por causa da mulher que tomaste, porque ela está casada[97].

Para derrotar um valente necessário se faz que outro mais valente entre em sua casa e o amarre e o desarme assim este será vencido por aquele[98].

As interferências de Deus em questões políticas aparecem nas Escrituras Sagradas em ocasiões quando alguns chefes de estado se levantam orgulhosamente, com rompantes, e ignoram que

haja qualquer ser que seja seu superior, aí notamos nos relatos bíblicos a manifestação de Deus o Senhor, sejam esses chefes de estado com ou sem o conhecimento Dele.

Poderemos lembrar-nos de uma citação de Eclesiastes assim:

De tudo o que se tem ouvido[99], o fim é: Teme a Deus, guarde os seus mandamentos; porque este é o dever de todo o homem.

E foi o que aconteceu.

O Egito tinha muitos deuses e o Senhor Deus Jeová resolveu entrar em juízo contra eles e libertar o seu povo; “Os filhos de Abraão”, “os filhos de Jacó, (Israel)”.

O Egito tinha muitos deuses.

O Brasil tem muitos deuses.

O amor de Deus para com os filhos de Misraim era grande, e, apesar do povo ser politeísta, o Deus do céu, como é apresentado nas Sagradas Escrituras; o seu plano era lidar com a crença naquela nação e mostrar para aquele povo que nem no céu, nem na terra há outro Deus senão o Deus Jeová, e para isso, necessário se fazia em manifestar-se e mostrar o seu poder em cada área onde supostamente um daqueles deuses atuava e era adorado conforme a crença divulgada entre os egípcios.

O julgamento do Egypt foi aplicado contra os seus deuses, e seus representantes, conforme encontramos na indicação.

– Eu sou o Senhor teu Deus. Não terás outros deuses diante de mim[100].

O serviço que os filhos de Israel desenvolviam no Egypt naquela dinastia era de tal forma escravo que os levava a exaustão

e Deus viu a sua dor, gemido e pedido de socorro.

O Senhor tomou medidas que poderemos acha-las duro demais conforme poderemos ler;

– Tenho visto atentamente a aflição do meu povo que está no Egypt, e tenho ouvido o seu clamor por causa dos seus exatores, porque conheci a sua dor[101].

Alguém se cansaria na leitura das Escrituras Sagradas? É isso aí, experimente lê-la sempre, e antes que a leia toda, leia o restante do texto, será que o nosso Senhor e Salvador Jesus, não fará o mesmo por nós ainda hoje?

Quando lemos Gênesis, não encontramos outro ser alem da Trindade na obra da criação.

A partir da entrada do pecado no mundo, a mente humana ficou tão perturbada que o ser criado se afastou do seu criador e

Mudaram[102] a verdade de Deus em mentira e honraram e serviram mais a criatura do que o Criador, que é bendito eternamente. Amem!

Passou a inventar tantos deuses para a adoração destes que se esqueceram do Único DEUS, e, assim surgiram nos mais diversos lugares seres conforme a imaginação humana, com diferentes exigências na adoração e sacrifícios que mais aumentou a perturbação humana e nenhum benefício ou restauração trouxeram em sua redenção.

Quando o diabo disse, por meio da serpente que o homem se tornaria igual a Deus: será que envolvia a questão de criar?

Bem, se isto estava envolvido ou não, a verdade é que o homem em seu coração inventou muita coisa.

– Vede; isto tão somente eu achei: que Deus fez o homem reto, mas ele buscou muitas invenções (ERC)[103].

Eis o que tão somente achei: que Deus fez o homem reto, mas ele se meteu em muitas astucias (ARA).

Tudo o que aprendi se resume nisto: Deus nos fez simples e direito, mas nós complicamos tudo (tradução na linguagem de hoje sbb).

Eis o que tão somente achei: Deus fez o homem reto, mas eles se meteram em muitos extravios (tradução brasileira sbb).

XVI – Aparece um libertador

O controle de natalidade implantado contra as famílias hebreias incluía jogar crianças do sexo masculino no rio Nilo.

O que poderia chamar mais a atenção de uma egípcia, caso encontrasse uma criança mesmo que fosse dentro de um cesto navegando inocentemente naquelas águas?

Se o Nilo era um deus, se os crocodilos que habitavam em suas águas também representavam o deus Sobeque ou Sebek, qual criança, exalando seu cheiro adorável de um recém-nascido, sobreviveria ao apetite devorador de crocodilos famintos?

O Senhor Deus[104] do céu estaria pegando os homens em suas próprias astucias?

A descrição narrada em Êxodo em seu capítulo dois, nos primeiros dez versos, impressiona-nos.

A criança ali encontrada chorava. Porque os crocodilos não a atacaram, a presença da irmã do menino inibiu o aparecimento daqueles répteis? Ou o Senhor Deus tinha um plano oculto ao Faraó?

Sobreviver àqueles perigos poderia ter levado a filha do Faraó a pensar que além da criança fazer parte das famílias hebreias poderia ser filho de um deus?

Levada ao palácio, depois de algum tempo, a criança recebe todos os cuidados que aquele ambiente poderia dispensar a um filho

daquela casa, recebe educação completa como um verdadeiro egípcio.

– Pela fé[105], Moises, já nascido, foi escondido três meses por seus pais, porque viram que era formoso; e não temendo o mandamento do rei. E, sendo já grande, recusou ser chamado filho da filha de Faraó. Escolhendo, antes, ser maltratado com o povo de Deus do que por um pouco de tempo, ter o gozo do pecado. Tendo, por maior riqueza, o vitupério de Cristo do que os tesouros do Egypt; porque tinha em vista a recompensa. Deixou o Egypt, não temendo a ira do rei, porque ficou firme, como vendo o invisível. Celebrou a pascoa, e a aspersão do sangue, para que o destruidor dos primogênitos lhes não tocasse.

A saída de Moisés de sena tem uma importância indizível para que fosse forjado em uma caldeira que somente o Senhor Deus parece ter.

Experimenta o oposto do palácio, aprende lidar com rebanhos, andando por escarpas e penhascos, cuida de animais adultos e suas crias.

Constitui família e gerando filhos.

Enfrenta predadores enquanto cuida dos rebanhos do sogro, usando apenas armamento rudimentar (um pedaço de pau chamado de cajado, ou vara, como expressou Davi no Salmo 23).

Tem visões e avança ao desconhecido.

É advertido para se despir dos seus calçados e se aproxima do fogo, ouve a voz de Deus pela primeira vez e se diz ser gago.

Tenta evitar participar da grande comissão de voltar ao seu antigo palácio, mas, termina se rendendo, faz dupla com seu irmão e encara o Rei do Egypt.

Não conhecemos nenhum outo líder com uma tarefa tão difícil quanto à dele.

Como convencer mais de quatrocentas mil pessoas para abandonar quase tudo onde estão e avançar ao desconhecido.

Como falar ao seu avô (pai de sua mãe adotiva), que pretende tirar os filhos de Israel do seu país?

O que esperava ouvir, ou o que não esperava ouvir?

O que tinha em suas mãos para enfrentar tamanho conhecimento dos cientistas egípcios?

Todas as ações de Deus na terra, há sempre alguém sendo usado por Ele, e quando não, ele vem pessoalmente.

Quando o assunto a ser tratado, nem anjos nem homens podem participar, ou resolver, lá está Ele pessoalmente resolvendo o problema que na maioria das vezes o ser humano está metido nele[106].

Quanto ao Egypt, DEUS chamou um homem egípcio descendente de hebreus, conhecido do palácio, provavelmente amigo da família que comandava os interesses de todos os habitantes do país.

Faraó provavelmente tinha saudades de Moisés, e cedeu espaço para uma audiência ao fugitivo, levando também em conta a oportunidade de tirar proveito do seu quase filho/NETO, e assim zombar do povo hebreu na pessoa do filho adotivo.

A consideração estava minada, o sarcasmo era uma ferramenta que deveria ser usada para subestimar valores, e Faraó lançou mão dela.

Sua assessoria preparou uma recepção para a comitiva de Moisés, que em sua composição aparece apenas; Moisés e Arão, (citados) um ilustre desconhecido do Faraó e de seus Ministros, provavelmente os demais não foram relacionados por sua pouca importância como o palácio assim os via.

Depois de uma apresentação de praxe.
Faraó pergunta:

Onde você esteve durante todo esse tempo?
Conta a nós como você está. Porque voltou?
Tem esperança de retornar ao palácio?
Por acaso pensa em pedir perdão ao Faraó?
Depois do homicídio praticado contra um cidadão egípcio espera receber perdão da nação?
Pensa que Faraó é condescendente com o seu feito que pensa ser heroico?
Deseja afinal reinar sobre o povo egípcio?

Você foi educado e treinado em toda a ciência do país para assumir o trono se fosse o caso.

O que você fala em sua defesa?

Vamos você é letrado, conhece muito bem a linguagem do trono. Nós egípcios natos queremos ouvi-lo. Fale!

Bem, quanto ao egípcio, tem tantos aí, não se preocupe!

Moisés e Arão eram pacíficos, a presença deles não representava qualquer ameaça ao povo nem a Faraó.

Mas, parece que houve um pequeno deboche ali, como veremos.

Moisés parece reticente ao falar com o poderoso do Egito, propositadamente, olhou ao seu redor, viu repassar em sua mente,

a sarça ardente, Ex. 3, lembra-se da sua saída sem despedida, quase sem bagagem, sem um carro do Faraó para levá-lo ao destino, mesmo porque parece no primeiro momento que nem mesmo destino ele tinha.

Parece que Moisés inconscientemente constituiu inimigo tanto entre os egípcios, quanto entre os hebreus, veja:
– Moisés já era homem feito[107], e um dia ele saiu para visitar o seu povo, e viu como eles eram obrigados a executar trabalhos pesados, viu também um egípcio batendo em um israelita, um patrício seu. Olhou para os lados, vendo que não havia ninguém ali, matou o egípcio e escondeu o corpo na areia. No dia seguinte voltou e viu dois israelitas brigando.

Então perguntou ao que maltratava o outro: – Por que você está batendo no seu patrício? O homem respondeu:
– Quem pôs você como nosso chefe ou nosso juiz? Você quer me matar como matou o egípcio? Então Moisés ficou com medo e pensou: "– Já descobriram o que eu fiz! "[108].
Mediu as palavras e cuidadosamente se dirigiu ao mandatário dizendo:

Assim diz o SENHOR a Faraó: – Israel é meu filho[109], meu primogênito. Digo-te, pois: deixa ir meu filho, para que me sirva; mas, se recusares deixa-lo ir, eis que eu matarei teu filho, teu primogênito.

Faraó parece sentir tão bem assessorado pelos seus deuses; lembrando acima de tudo que havia deus para cuidar de cada assunto de interesse do Faraó, do país e do povo, deus que influenciava o vento, as águas, os mortos, os vivos, o palácio, as enchentes, a seca, o amor, a vida e a morte.

Achava estar acima do bem e do mal; portanto, blindado, não só ele, mas também sua família, e seu palácio; estavam e se sentiam por assim dizer, intocáveis, e que qualquer deus por mais

poderoso que quisesse ser e tentasse atingi-los em qualquer demanda, não conseguiria seu intento.

E ele também era adorado, e um embate seria até possível, mas achava que sairia vencedor.

Assim fez, subestimou o Senhor Deus que enviara Moisés como seu embaixador, não mais como um talvez egípcio, mas como um homem que via uma pátria melhor, além das fronteiras do país onde nascera.

Ouviu mais uma vez a voz de Deus dentro de si como um trovão: – Moisés: “Pode usar essa vara que tem em suas mãos”.

XVII – Apófis – Primeiro deus atingido

“Pode usar essa vara que tem em suas mãos”.

APÓFIS, a serpente que habitava o além-túmulo,
Confere[110].

“A vara que Arão tinha nas mãos, e que pertencia a Moisés, que agora fora transformada em uma serpente, combate e destrói a serpente dos magos”. Isto na presença de Faraó.

Consideramos aqui apenas como um sinal, um aviso de Deus, o Senhor todo-poderoso estava avisando que ele havia entrado em julgamento com o Egypt.

Apesar das tentativas dos magos, encantadores e feiticeiros egípcios, eles foram totalmente frustrados diante do seu ‘deus’ Faraó e diante de Apófis, o deus representado por uma serpente.

Nada conseguiram fazer, mas parece que isso não assustou o Faraó, não levando a sério a ação de Deus, considerou apenas como mais um ato de magia a que eles estavam muito acostumados.

E acreditaram que Moisés havia assimilado muito bem nos bancos das escolas egípcias.

Acreditaram que o veneno daquela víbora que surgiu das mãos de Moises e Arão, não poderia causar nenhum mal, tendo em vista que Apófis era o grande demônio o líder de todos os demais demônios, e eles tinham quem sabe, o antiofídico para imunizar ou eliminar o efeito do veneno da serpente daqueles que se

apresentavam como embaixadores, representantes do Grande Deus que agora ameaçava o seu país, exigindo a saída dos filhos de Israel do país, do Egypt.

XVIII – Nilo - O segundo deus atingido

‘Salve, ó Nilo. Ó tu que surgiste sobre esta terra e que vens em paz para dar vida ao Egito.

Regas a terra em toda parte,

Ó deus dos grãos,

Senhor dos peixes, protetor do trigo e da cevada...

Logo que suas águas se erguem,

A terra se agita de alegria,

Todo ventre se regozija de alegria,

Todo o dorso é sacudido pelo riso e todo dente tritura.

Ele traz as provisões deliciosas, cria todas as boas coisas necessárias para os sacrifícios a todos os Deuses.

Ele abrange dois países,

E os celeiros enchem-se,
Os entrepostos regurgitam,

Os bens dos pobres se multiplicam;

Torna feliz cada um,

Conforme seu desejo...

Não se esculpem pedras nem estátuas em sua honra,

Nem se proferem palavras misteriosas para o seu encantamento.

Não se conhece o rei cujos decretos são estabelecidos pela terra inteira,

Por quem são bebidas as lágrimas de todos os olhos e que é pródigo de suas bondades'.

A PRIMEIRA PRAGA.

'ELE SAIRÁ ÀS ÁGUAS' – Aqui não se trata de um passeio, mas de uma cerimônia anual para o Faraó abençoar a enchente do Nilo, que ano, após ano, trazia fertilidade e prosperidade para a nação.

A intervenção divina naquela hora para o Faraó era tão inconveniente quanto poderia ser dramática para o povo.

Como era também dramática a pregação de Jesus, quando dizia que a fé nele era o que produzia no ser humano uma fonte de águas vivas[111].

'As águas são transformadas em sangue'.

Água é um dos três elementos da natureza imprescindíveis para a sobrevivência das espécies.

Há muita preocupação nos dias atuais quanto à preservação das águas, por se tratar de um bem que pode ter fim, pela contaminação.

O Rio Nilo – o ‘deus’ da vegetação. Suas águas se transformaram em sangue, e, isto aconteceu também com todos os córregos, nascentes e fontes do país.

Todas as águas do Egito.

Morreram os peixes, toda a vida aquática pereceu. O rio cheirava mal[112].

NOJO – O rio tão adorado tornou-se objeto de nojo. Nada neste mundo tem valor sem a benção de Deus.

O DEUS CHEIRAVA MAL.
O senhor Jeová disse: – Por isso eu vou usar o meu poder contra os egípcios[113]. Depois disso o rei deixará que vocês saiam do Egypt.

O Egito tinha muitos deuses.
O Brasil tem muitos deuses.

Cada uma das dez pragas foi anunciada a tempo para que o Faraó fizesse uma reflexão e atendesse ao que Deus o Senhor estava mandando que ele fizesse, mas, os poderosos, pensam que não devem satisfação a ninguém, provavelmente assim também pensava ele.

Assim respondeu a Moisés[114]: – Quem é o Senhor? – Perguntou o rei. – Porque eu devo ouvi-lo e deixar que o povo de Israel vá ao deserto? Eu não conheço o Senhor, nem vou deixar que os filhos de Israel saiam daqui.

A ação de Deus, veio em resposta rebeldia à do homem, e seria retirada ao primeiro sinal da conversão do mesmo.

Khnum, o deus da criatividade, controlador das águas do rio Nilo, para Faraó, este deus está irado e descontente com seus

adoradores, causando aquele desastre nas águas dos rios, e, principalmente do Nilo.

O Nilo perde um pouco a sua graça e doçura, o rio está manchado de sangue.

Mas, a perturbação não durou muito. Os magos fizeram o mesmo[115].

Porem com as suas artes, os mágicos do Egypt fizeram a mesma coisa. E assim o rei continuou teimando.

O coração de Faraó endureceu.

XIX – Haquite – Terceiro deus atingido

A SEGUNDA PRAGA – Rãs.

Há uma lei que parece se perpetuou em todo lugar, que é a lei da semeadura.

Não se enganem: ninguém zomba de Deus[116]. O que uma pessoa plantar, é isso mesmo que colherá.

Todos nós colhemos o que semeamos pobres ou ricos, escravos ou livres, independentemente do desejo e sim da ação.

A intervenção de Deus ocorrerá de acordo ou em desacordo às atitudes humanas. À medida que o Rei do Egypt recusava ouvi-lo, se via em suas mãos.

– E o rio criará rãs que subirão à sua casa[117], e ao teu dormitório, e sobre a tua cama e às casas de teus servos e sobre o teu povo, e aos teus fornos, e as tuas amassadeiras. E as rãs subirão sobre ti, e sobre o teu povo, e sobre todos os teus servos. – Disse Deus.

Por mais que alguém ache esses batráquios bonitos, outros os acham asquerosos, Faraó os conhecia, as ouvia coaxarem, talvez até próximo à porta do palácio, mas, invasão não, seria uma possibilidade impensada, nem qualquer coisa para ser aceito, até o momento que se cumpriu o que Moisés e Arão disseram.

Para lembrar ao povo quem realmente era o Senhor Deus de seus pais, necessário se fez que Moises e Arão reunissem os anciãos dos filhos de Israel que estavam no Egypt e então Arão contou-lhes tudo o que o Senhor Deus tinha dito a Moisés[118], e em seguida Moisés fez os milagres diante do povo. Todos acreditaram e, quando souberam que o Senhor tinha vindo até eles e tinha visto como estavam sendo maltratados, eles se curvaram e adoraram a Deus.

Faraó falou com Moisés como falou com José; – Eu sou Faraó[119]; e: – Quem é o Senhor[120], cuja voz eu ouvirei, para deixar ir Israel?

A resposta de Deus tanto para Faraó quanto para o povo foi simples, disse Deus a Moisés, quando perguntarem quem te enviou, responda isto: Fale a Faraó e ao povo que "– EU SOU O QUE SOU".

O processo de libertação estava engatinhando, na tentativa de dar os seus primeiros passos e se levantar e realmente se firmar, mas do outro lado encontrava uma grande resistência por motivos óbvios, se a população de hebreus era grande e sufocava os egípcios, o seu trabalho e riquezas não eram desprezadas, havia até grande interesse do governo de que seu povo se aparentasse aos hebreus; se fosse necessário, o controle de natalidade iria cuidar daquela pasta com eficiência, diretamente nas maternidades onde as hebreias iam dar à luz.

Faraó admitiu que o povo estivesse sofrendo pressões para executar suas tarefas, procura ignorar a importância da mensagem que ouve, e solicita aos embaixadores que se afastem dos operários.

Poderemos perguntar:

Porque Deus faria tamanho investimento celestial em um país a favor de um povo?

Tinha que restaurar a sua imagem junto aos seus escolhidos?

Há muita coisa que o ser humano e somente ele tem o dever de executar, e já falamos anteriormente sobre isto, lembramos, no entanto se Deus queria ou não reverter o quadro a seu favor, em razão do desgaste ou desconhecimento sobre si, as verdades das Sagradas Escrituras são sempre muito simples, é dever do ser humano, adorar a Deus.

Mas, as gerações afastam mais e mais de Deus. Senão vejamos: Todas as pessoas daquela geração também morreram e os seus filhos esqueceram o SENHOR e as coisas que ele havia feito pelo povo de Israel[121].

A informação domestica sobre o Senhor Deus de Abrão Isaque e Jacó tinha se perdido ao longo dos quatrocentos e trinta anos.

A rã que representava o deus Haquite e o deus Amonet, quando milhares e milhares destes batráquios saíram dos rios e lagos, invadindo o campo, casas e palácios, o deus da vegetação não teve poder para conter a invasão e evitar tamanho desconforto para o Faraó e seus oficiais; todo o povo tinha como companhia centenas de rãs nos pátios, corredores, sala de estar, de jantar e nos seus aposentos.

Pediu oração para se livrar daqueles pequenos porem incômodos animais.

Na manhã seguinte, amanheceram mortos nos pátios, nas salas, nas pias e em todos os compartimentos das residências e palácios.

E o Senhor fez conforme a palavra de Moises, e as rãs morreram nas casas, nos pátios e nos campos[122].

Como provavelmente foi horrível para as mulheres, moças, adolescentes e crianças, verem aqueles animais agonizando pelos corredores, pias, sobre as mesas, dentro das panelas, nas amassadeiras, morrendo sem qualquer explicação, do mesmo modo que apareceram, não saíram, ficaram espalhados nos ambientes desde as casas humildes até o palácio do Faraó. Que incomodo!

A terra cheirou mal.

Os egípcios fizeram muitos montes de rãs, e um cheiro horrível se espalhou pelo país inteiro[123].

XX – Sekhmet – Quarto deus atingido

TERCEIRA PRAGA - Piolhos.

O piolho é um inseto sugador de sangue, inclusive do homem, quando da sua infestação, ele deixa uma lêndea que é o nome popular do ovo, do seu ovo.

Causa coceira intensa, e as pessoas (no caso das crianças) são separadas das outras evitando assim a proliferação do inseto.

O texto está contido no capítulo oito de Êxodo, a tradução na linguagem de hoje, assim o apresenta: O Senhor Deus disse a Moisés: – Diga[124] a Arão que bata na terra com o bastão para que em todo o Egypt o pó vire piolhos.

E Arão bateu na terra com o bastão, e todo o pó do Egypt virou piolhos, que cobriram as pessoas e os animais.

Os mágicos tentaram fazer aparecer piolhos, mas não conseguiram. E as pessoas e os animais continuarem cobertos de piolhos. Então os mágicos disseram ao rei.

– Foi Deus quem fez isso.

– Os ilusionistas perceberam que não foi a cauda da deusa

SEKHMET (O deserto ficava envolto em poeira, quando sua cauda o varria) que havia provocado aquele efeito ao passar e levantar a poeira do deserto e cobrir o país inteiro do pó e transformando-o em piolhos.

Foram ao rei e disseram: – estamos sendo vencidos pelo Deus dos hebreus.

A praga atingiu o povo e os animais, levando-se em conta que boa parte deles representava algum tipo de divindade.

Como estava o relacionamento do povo e seus deuses?

Esse evento trouxe tão grande inquietação ao povo em todo país levando-o a entender que os acontecimentos eram algo não esperado por sua população. A decisão estava nas mãos do Faraó.

A manifestação do Deus desconhecido estava acontecendo[125].

O desespero estava tomando conta de todos, e, levando-se em consideração que nenhum deus pode amenizar a angústia dos seus adoradores, e que nenhum podia cuidar dos seus, nem os proteger das pragas.

Não parecia que o SENHOR que está acima de todos os deuses e de todos os homens, deixava qualquer dúvida, quanto ao seu descontentamento referente aqueles seres que eram adorados.

As evidências a cada evento ficavam mais claras, não era um deus qualquer que estava visitando o Egito[126].

Imaginem o deus Anúbis, corpo de homem e cabeça de chacal, cheio de piolhos, os cães e gatos nas portas das casas e sobre as mesas, nas camas e nas cinzas próximo ao fogo, todos coçando, e as crianças, os filhos do Faraó, as donzelas, as belas mulheres egípcias, orgulhosas, com suas tranças e seus longos cabelos, todos cheio de piolhos.

E a população ficar sabendo que somente os hebreus estavam em paz quanto àquele tormento que a nação estava vivendo.

Que mensagem enviaria ao poderoso Faraó?

Ele, e somente ele, tinha o dever de proporcionar o bem-estar do povo agora atormentado por pequenos insetos.

Qual providencia o mandatário iria tomar para encontrar uma solução, e, resolver o problema, acabar com aquele flagelo de uma vez por todas?

XXI – Anúbis – Quinto deus atingido

QUARTA PRAGA: Moscas.

MOSCAS inseto díptero cujas espécies são numerosíssimas.

ANÚBIS – Deus chacal, protetor e patrono dos embalsamadores, filho de Seth e Néftis, Anúbis era o mestre dos cemitérios, e era considerado o primeiro entre eles, a quem se devia o protótipo das múmias, principalmente a de Osíris.

Um deus representado por um chacal, animal que dependendo da região tem hábitos noturnos, alimenta de pequenos insetos, vegetais, mas, sua preferência é restos de animais mortos, é animal carniceiro, moscas se juntam em seu corpo devido o tipo de alimento que prefere, e assim, sequer sentia incomodado pelos insetos.

O Senhor Jeová disse a Moisés: – Amanhã cedo[127], quando o rei for até a beira do rio, vá falar com ele, e diga-lhe que eu, o SENHOR, digo o seguinte: “Deixe que o meu povo saia do seu país a fim de me adorar”. Se você não deixar, eu mandarei moscas para castigar você, os seus funcionários e o seu povo.

As casas dos egípcios ficarão cheias de moscas, e o chão ficará coberto com elas.

Mas naquele dia separarei a região de Gósen, onde mora meu povo, para que ali não haja moscas. Os seus cães não estarão comendo restos mortais, nem desenterrando ossos.

Assim você ficará sabendo que eu o SENHOR, estou aqui neste país. “Farei diferença entre o meu povo e o seu povo; este milagre vai acontecer amanhã”.

No Egypt havia todo tipo de ciências da época, os estudiosos das estrelas e dos astros, eram homens sinceros e tão dedicados nos estudos dos movimentos desses elementos, sabiam como ninguém o que podia acontecer na terra baseando suas previsões nos movimentos dos corpos celestes, mas pouco ou nada sabiam sobre a manifestação da mão de Deus.

Encantadores e ilusionistas também nada sabiam sobre o Senhor Soberano criador, não havia homens ou mulheres de Deus que falasse em nome do Senhor Deus Jeová dos exércitos; daí a grande quantidade de deuses e seus representantes.

Porém onde não há profetas o povo se corrompe, mas na multidão de conselheiros, há prudência[128].

Um país sem a orientação de Deus é um país sem ordem. Quem guarda a lei de Deus é feliz[129].

O que vemos dará a entender que as imagens têm alto valor para aqueles que são politeístas.

Deus disse: – Moisés vá às águas, e lá encontrarás com Faraó, fala-lhe sobre este assunto.

Deus dava mais um alerta: – ‘Separarei apenas o meu povo’ do ‘seu povo’[130]. Enviarei enxamas de moscas sobre as casas, os campos e palácios.

Deus disse: – Este sinal vai acontecer amanhã[131]. Será que aqui não aparece uma demonstração da grande misericórdia de Deus dando tempo ao Faraó de repensar seus atos e rever suas crenças?

As sagradas Escrituras mostram em outra situação, um país, seu rei, os súditos, os escravos, os livres, e, os animais jejuando em busca do perdão e misericórdia do Senhor Deus. Não seria a melhor atitude do Faraó, ter a mesma iniciativa e penalizar menos o seu povo?

Vejamos o texto:

– Quando o rei de Nínive soube disso[132], levantou do trono, tirou o manto, vestiu uma roupa feita de pano grosseiro e sentou-se sobre cinzas. Mandou avisar o povo da cidade o seguinte: “Esta é uma ordem do rei e dos seus ministros. Ninguém pode comer nada, todas as pessoas e também os animais, o gado e as ovelhas, estão proibidos de comer e de beber, que todas as pessoas se vistam de roupas feitas de pano grosseiro! Que cada pessoa ore a Deus com fervor e abandone os seus maus caminhos e as suas maldades! Talvez assim Deus mude de ideia! Talvez o seu furor passe e assim não morreremos”.

Não é a isso que Deus, por meio do Senhor Jesus, está sempre dizendo: Venham a mim todos vocês que estão cansados de carregar as suas cargas[133], e lhes darei descanso? E ainda: Venha cá[134], vamos discutir esse assunto. Os seus pecados os deixaram manchados de vermelho, vermelho escuro; mas eu os lavarei, e vocês ficarão brancos como a neve, brancos como a lã.

Se vocês forem humildes, comerão das coisas boas que a terra produz. (?)

Quem ouvir o convite do Senhor Jesus, – Vocês têm obedecido a minha ordem para aguentar o sofrimento com paciência[135], por isso eu os protegerei no tempo da aflição que vira sobre o mundo inteiro para pôr à prova os povos da terra. (?)

O vento é um grande aliado e propagador tanto de coisas boas quanto de coisas más, leva sementes como leva pragas e epidemias.

O deus Anúbis, como os anteriores, nada pode fazer, não pode defender os seus adoradores daquela praga, o Senhor Deus de Israel triunfava mais uma vez.

Hoje como nos tempos antigos, os homens pedem oração; gostam da vida, da boa vida. Concordamos que o dom da vida talvez seja o maior presente já recebido de suas mãos.

Em sua grande maioria eles querem viver a vida, e vive-la despreocupadamente tanto de Deus, como de problemas.

Faraó também gostava da vida, e novamente pede orações, acha até que a adoração poderia contribuir bastante no bem-estar dos hebreus, mas não longe dele, não fora do seu controle, sugere até um local de adoração.

É como que fazer um culto ecumênico hoje, podemos adorar todos juntos, podemos misturar.

Juntos, até cantaremos as mesmas canções, até uma passeata, usaremos nossas bandeiras com as indicações das nossas diversidades e denominações, mas todos nós adoramos o mesmo Deus e servimos ao mesmo Senhor?

Ou temos convicções diferentes das que tentamos passar adiante?
“E sua lei, e seus mandamentos”?

Como ficam?

Então o rei chamou Moisés e Arão e disse[136]: – Vão oferecer sacrifício ao seu Deus, mas faça isso aqui mesmo no Egypt.

Moisés respondeu: – Isso não dará certo, pois os animais que oferecemos em sacrifício ao Senhor, nosso Deus, são sagrados

para os egípcios.

Se eles nos virem matar os animais que eles adoram, com certeza nos matarão a pedradas.

– “Nesta terra não”. Nesta terra não dará certo, há muitas outras coisas que não dará certo se o povo do Senhor Jesus não se separar delas.

A cada dia Deus nos diz o que devemos fazer, portanto não podemos atender vosso pedido.

Faraó reconhece que precisa do povo de Deus no seu país. É um povo ordeiro e abençoador. Pede: ‘ – não vai longe e volte logo’, – e, suplica a Moisés, estabelecendo tempo e limites para adoração.

– Se vocês não forem longe os deixarem ir ao deserto oferecer sacrifício ao Senhor[137], seu Deus. Orem também por mim.

O que te faz lembrar?

XXII – Ptha – Sexto deus atingido

QUINTA PRAGA – Peste nos animais.

Para a crença egípcia da época, Ptha foi aquele que afeiçoou os deuses e criou o homem, concebeu o mundo em pensamento e criou com sua palavra.

Era um deus com bastante poder, e poderia impedir qualquer interferência que viesse atingir os seus seres criados.

Ptha era protetor dos artesões criador do mundo.

Representado pelo velho falcão, planando, no firmamento como um guardião do povo e de todos os seres criados, animados e inanimados.

Deus falou com Moisés[138]: – Vá falar com o rei e diga que o Senhor, o Deus dos hebreus, diz o seguinte:

“Deixa que o meu povo saia do seu país a fim de me adorar. Pois se você não deixar e continuar impedindo que ele vá, eu o castigarei com uma doença horrível, que atacará todos os seus animais, isto é, os cavalos, os jumentos, os camelos, o gado, as ovelhas e as cabras. Farei diferença entre os animais dos israelitas e os dos egípcios, não morrerá nenhum animal dos israelitas. Eu, o Senhor marquei um prazo: farei isso amanhã”.

Ptha era protetor dos artesões criador do mundo. Representado pelo velho falcão, planando, no firmamento como um guardião do povo.

Agora de bico baixo.

O touro era adorado e sua morte causava luto em todo país.

Qual tamanho do luto que por certo ocorreu quando Deus visitou o país com a praga da peste?

Distinção; Mais uma vez, veio uma prova evidente que não se trata de acontecimentos naturais; o próprio Faraó teria verificado que a pestilência não atingiu o gado dos israelitas.

O rei mandou ver o que havia acontecido e foi informado de que não havia morrido nenhum animal dos israelitas[139].

Sekhmet, representada por uma leoa, simbolizava os poderes destruidores do sol, deusa cruel que tanto causava quanto curava epidemias, nada pôde fazer para ajudar Ptha.

O Texto Sagrado não fala que tipo de doença atacou os rebanhos egípcios, fala de uma doença horrível. Por certo não foi identificada naquele tempo.

XXIII – Seth – Sétimo deus atingido

SEXTA PRAGA – Úlceras.

Segundo o conhecidíssimo médico dr. Dráuzio Varella, a úlcera é uma ferida que pode ocorrer em diversas partes do organismo, como na pele e no cólon (colite ulcerativa), por exemplo:

Quando se fala em úlcera, porém, quase sempre as pessoas se referem às úlceras pépticas, isto é, às úlceras gástricas que surgem no estômago, às úlceras do duodeno, na junção do estômago com o intestino delgado, e mesmo às do esôfago que são mais raras.

As páginas médicas estão cheias de explicações sobre o assunto e as prováveis causas, prevenção e cuidados quando diagnosticada a doença.

Quanto às ulceras citadas no texto de Êxodo, não parece ser causada por alimentação bebidas, fatores hereditários ou outro descuido da população.

O que temos aqui é a manifestação de Deus tratando com um povo e se manifestando, como que a dizer: Deus respondeu:

– Eu farei com que o meu brilho passe diante de você e direi qual é o meu nome sagrado[140]. Eu sou o Senhor e terei compaixão de quem eu quiser, e terei misericórdia de quem eu desejar (blh).

SETH – Deus dos oásis.

Também conhecido como o deus da destruição, das tempestades, das guerras.

Era o símbolo de desordem e de violência.

Se os homens não atentam para a perda de seus bens, então a disciplina estende até a própria carne.

O inimigo principal dos seres humanos sabe disso:

– É só tocar na pele dele para ver o que acontece[141]. As pessoas não se importam de perder tudo o que tem desde que conserve a vida.

Disse o Senhor Deus a Moisés,

– Peguem punhados de cinza de um forno, e que Moisés jogue essa cinza para o ar diante do rei do Egito, ela se espalhará como um pó fino sobre todo o Egypt, e em todos os lares as cinzas produzirá tumores que se abrirão nas pessoas e nos animais[142].

Os magos não puderam comparecer diante de Moisés porque todos eles e todos os demais egípcios estavam cobertos de tumores.

Conforme o Senhor Deus havia dito, o rei não atendeu ao pedido de Moisés e de Arão.
Os deuses, um a um, foram colocados em prova.

Até quando o ser humano resistirá a Deus?

– Se vocês forem humildes[143], comerão as coisas boas que a terra produz.

Para os egípcios era como se estivessem revoltados, punindo os seus adoradores.

SETH, o vento quente e mau do deserto.

Os animais que sobraram da praga da peste, agora são atingidos por tumores que se transformam em úlceras, porém, isto não atingiu somente os animais, os egípcios estão com tumores, se transformando em úlceras, os magos também estavam com elas, eles que sempre estiveram na presença de Faraó, agora não conseguem explicação para tamanho infortúnio, todos estão com tumores.

Os homens não tiveram meios para cuidar do rebanho com tumores e úlceras, pois todos sofriam do mesmo mal.

As ruas estavam cheias deles; as escadarias também, nas salas, dos aposentos, nas cozinhas, nos jardins, nos pomares, os conselheiros também, era a mesma doença em todos, era uma epidemia, os médicos também sofriam do mesmo mal.

Não havia antídoto contra o mal, não havia curandeiro para rezar ou usar uma mezinha, padeiros, cozinheiras, todos com úlceras.

Longe de remover a praga, os magos são vítimas dela, não mais são citados nessa história como conselheiros do Faraó.

Saíram de cena.

XXIV – Amom – Oitavo deus atingido

SÉTIMA PRAGA – Chuva de Pedras (saraiva).

O Egito presenciou e experimentou uma revolta na natureza[144], quando trovoes e saraiva (uma grande tempestade de granizo) atingiram o povo, a agricultura, tão bem administrada até tempos anteriores por um hebreu, agora tudo se sucumbe diante da resistência de um governante e seu povo.

Amon, o deus supremo, o deus que anima a natureza. Criado pelos sacerdotes de Tebas. Onde está ele?

Afinal! Está inconformado? Não responde nada? Ou era como o deus baal que não respondia aos seus devotos.

Aí os profetas oraram mais alto e começaram a se cortar com facas e punhais[145], conforme o costume deles, até que o sangue começou a correr. Passou o meio dia, e eles continuaram a orar e a gritar até a hora do sacrifício da tarde. Porém não se ouviu nenhum som.

AMON-RÁ, como o Faraó era cultuado como um deus, e toda felicidade do país dependia dele.

Seth – o vento quente do deserto que também era considerado um deus.

Não puderam acalmar a tempestade.

Só há um que pode e tem poder para tal. Aqui está:

– De repente começou a soprar um vento muito forte[146], e as ondas arrebentavam com tanta força em cima do barco, que ele já estava ficando cheio d'água? ... – Mestre! Nós vamos morrer! O Senhor não se importa? – Então ele se levantou e falou duro com o vento e disse ao lago: – Silencio! Fique quieto! – O vento parou e tudo ficou calmo.

– Quem é este que o vento e o mar lhe obedecem?

É o Senhor Jesus.

XXV – Set – Nono deus atingido

OITAVA PRAGA – Gafanhotos

Havia alguns motivos porque Deus estava agindo assim naquele país.

1) Para se revelar aos filhos de Israel.
2) Para que eles testemunhassem aos seus filhos.
3) Para mostrar ao Faraó quem ele era.
4) Mostrar ao rei que o seu coração estava nas mãos de Deus o Senhor.

– Vá falar com o rei, pois eu fiz com que ele e seus funcionários continuem teimando para que eu pudesse fazer esses milagres no meio deles[147].

– Moises e Arão foram falar com Faraó e disseram: O Senhor Deus manda te perguntar: – Até quando você vai continuar não querendo se humilhar diante de mim? Eis que se recusares, amanhã trarei gafanhotos sobre toda a terra do Egypt, e comerão o que restou da chuva de pedras.

Eles cobrirão toda a terra e encherá as vossas casas.

Os gafanhotos invadirão o Egito, o que vocês irão ver, nunca vira até hoje e nunca mais verão, porque um vento forte do deserto trará insetos (gafanhotos) que destruirá o que restou da saraiva, e as casas estarão cheias deles.

– Há espécies que se alimentam de quase todo tipo de verdura; se alimentam de alfafa, eucalipto, milhos, arroz, trigo,

cevada, cana e muitos outros. Além do estrago provocado na vegetação, os lares ficaram cheios deles. Os gafanhotos têm o fêmur muito forte o que os possibilitam pular a longas distancias, imaginem os lares cheios deles no calor do dia, apesar de não serem insetos asquerosos, incomodam as pessoas, principalmente as mulheres.

Seth – o vento quente e mau do deserto,

O rei chamou Moisés[148] e Arão e disse a eles: – Pequei contra o Senhor seu Deus, e contra vocês. Agora peço que perdoe o meu pecado ainda esta vez e que orem ao Senhor, seu Deus, para que ele tire de mim este pecado terrível.

Eu vi Deus[149] criar uma praga de gafanhotos. Isso aconteceu quando começava a crescer o capim que brota depois da colheita que pertence ao rei.

Os oficiais disseram a Faraó[150] que Moisés e Aarão estavam servindo de cilada para o País.

Então os funcionários do palácio disseram ao rei: – Até quando esse sujeito vai ser um perigo para nós? Deixe que os homens vão embora, para adorarem o Senhor, o Deus deles. Por acaso o senhor não sabe que o Egypt está arruinado?

– Eles disseram a Faraó que Moisés e Aarão estavam servindo de cilada para o País. Moisés e Arão foram reconduzidos à presença de Faraó, e ouviram o que segue:

– Ide servir ao Senhor Vosso Deus[151], porém: quais são os que haveis de ir? Eu quero saber quem vai.

– Faraó percebe a falta de alternativas. A resposta de Moisés foi:

– Iremos todos nós[152], iremos com nossas crianças e com os nossos velhos, Levaremos os nossos filhos e nossas filhas, as nossas ovelhas e cabras, e o nosso gado, pois temos de dar uma festa em honra de Deus, o Senhor.

Pergunte a Faraó, outra vez Deus disse a Moisés:

Sugestão de quantidade, isto preocupa o povo, o governo a religião (oficial)?

Faraó disse a Moisés e Arão[153]: - Vão somente os homens, se é isso que vocês querem.

Vocês têm más intenções conosco, e expulsou-os de sua presença.

Para o menos crente, e que pouco confia no seu Deus, dizimar é uma afronta, ofertar, é um peso, adorar, é um sacrifício.

O inimigo do povo de Deus sabe muito bem disso.

No entanto para os servos fiéis, estas coisas são partes intrínsecas da adoração.

“ADORAÇÃO É UM PRAZER”.

O Senhor mandou do Leste um vento que soprou sobre o país o dia inteiro e a noite inteira[154]. Quando amanheceu, o vento tinha trazido os gafanhotos. Eles espalharam sobre todo o Egypt e invadiram toda aquela região em quantidade enorme, nunca havia acontecido antes e nunca mais acontecerá.

Será que faraó apenas entendeu que mais um dos deuses do Egypt estava irado contra o seu povo e por isso os punia? Sua atitude foi e ainda é discutível. Ou era a hora de reconhecer a sua atitude errada e liberar os Israelitas?

Há pessoas que tem pressa em falar com Deus, no entanto, às vezes as atitudes não estão de acordo com as Sagradas Escrituras e seus atos não o agradam.

Pedem-lhe até perdão[155].
Pedem oração.
Pedem para que Deus tire a punição.
Mas não o reconhece como seu Senhor.

Faraó via os deuses do Egito, um a um sendo vencidos, por mais que os sacerdotes com suas preces e súplicas rogassem, os deuses nada faziam para amenizar a dor do povo, e a ruína do país.

Ele imediatamente chamou Moisés e Arão à sua presença e suplicou para que aquela praga fosse removida do seu país, alegando que reconhecia o seu pecado tanto contra os servos de Deus, quanto contra o próprio Deus.

Moisés pediu a Deus a favor do Faraó, então:
Aí o Senhor fez soprar um vento do Oeste muito forte[156], que levantou os gafanhotos e os jogou no mar Vermelho. E não ficou um só gafanhoto em todo o Egypt. Mas, o Senhor manteve o coração do Faraó endurecido e ele continuou teimando, e este não deixou que os israelitas fossem embora.

XXVI – Rá – Décimo deus atingido

NONA PRAGA – Trevas

A designação da palavra trevas é de: escuridão total, escuridão completa.

Nas versões da Bíblia que foram consultadas, aparecem como sendo: trevas grossas, espessas, condensadas que se podia tocar nelas.

Como se fosse uma barreira criada. Como um nevoeiro que sentimos na pele e que atinge nosso corpo.

Então Deus disse a Moisés[157]: – Levante a mão para o céu a fim de que em todo o Egypt haja uma escuridão tão grossa, que possa até ser tocada.

Moisés fez como Deus ordenou[158]: Levantou a mão para o céu, e durante três dias uma grande escuridão cobriu todo o Egypt. Os egípcios não podiam ver uns aos outros, e naqueles dias ninguém saiu de casa. Porem em todas as casas dos israelitas havia claridade.

O sol da justiça, assim as Sagradas Escrituras falam dele.

– Porque o Senhor Deus é sol e escudo[159], o Senhor dará graça e gloria, nenhum bem sonega aos que andam retamente.

> RÁ – o deus sol iluminador do mundo, criador de todos os deuses principais.
> TUM – o sol da tarde, que possui a força.

BASTE – deusa das paixões amorosas.
AMOM – o deus que anima a natureza.
RAMSÉS – o despertador da vida.
OSIRIS – o sol poente.

O deus sol, o deus Rá, e todos os seus auxiliares, não puderam evitar tamanha desolação para os seus súditos, ou adoradores.

As trevas invadiram o país. O Egito, agora está debaixo e em total escuridão.

O deus Amon-Rá (Faraó) se rende, manda chamar Moisés como diz as Escrituras e fala-lhe:

– Aí o rei mandou chamar Moisés e lhe disse[160]: – Vocês podem ir adorar a Deus o Senhor, também podem levar as suas mulheres e seus filhos, mas as suas ovelhas, as cabras e o gado ficarão aqui.

Permissão parcial. ‘Fiquem os vossos rebanhos’. Há sempre alguém dizendo que os servos de Deus não devam apresentar a ele os dízimos e as ofertas requeridas em sua palavra, querem estabelecer novos limites. A riqueza fica.

Os domínios do país totalmente em trevas. O Senhor Deus Jeová disse a Moisés: – Avise a Faraó para que se assente; porque todo o povo egípcio vai se apalpar, somente meus filhos terão luz.

É como dizer:

Oh Faraó[161]! Onde está o caminho da morada da luz e quanto às trevas, onde está o seu lugar?

Onde estavam os deuses egípcios naquele momento, que não puderam mudar aquele quadro de escuridão para claridade?

XXVII – Deus anuncia a décima praga

Quanto a Moisés.

Não podia haver qualquer dúvida sobre a capacidade de liderança e de sua influência tanto entre os egípcios quanto entre os filhos de Israel.

O seu reaparecimento no país marcava uma fase nova na sua vida e na vida dos egípcios e israelitas, sua fama crescia e sua capacidade de lidar com grandes eventos ficava cada vez mais evidente.

Sua personalidade estava consolidada, e adquiria respeito dos dois lados, hebreus e egípcios o respeitavam.

Vejamos:

– O Senhor[162] fez com que os egípcios respeitassem os israelitas. – De fato, os funcionários do rei e todo o povo consideravam Moisés um grande homem.

No entanto, Moisés, egípcios e israelitas, todos estavam na mão do Senhor Deus.

A décima praga era tão grande e forte para o povo conviver com os seus resultados, que Deus anunciou com muitos detalhes, e Faraó deveria ficar sabendo, pois, o palácio poderia perder o sucessor, não numa guerra sangrenta, não em um acidente de caçada, mas, em morte que ia abranger todos os lares.

O Senhor Deus disse a Moisés[163], – eu vou mandar só mais um castigo sobre o rei do Egypt, e sobre o seu povo. Depois disso ele vos deixará ir. Na verdade, ele expulsará todos vocês.

Agora porem diga aos israelitas, homens e mulheres, que peçam aos seus vizinhos e vizinhas, joias de prata e de ouro.

Fala com o rei que: Perto da meia noite eu vou passar pelo Egypt[164], e no país inteiro morrerá o filho mais velho de cada família, desde o filho do rei, que é o herdeiro do trono, até o filho da escrava que trabalha no moinho; morrerá também a primeira cria dos animais.

Em todo o Egypt haverá grito de dor, como nunca houve antes, nem nunca haverá depois. Mas entre os israelitas, nem mesmo um cachorro latirá para uma pessoa ou animal.

– E Moisés continuou: – Então todos os seus funcionários virão me procurar e se ajoelharão diante de mim, pedindo que eu vá embora e leve todo o meu povo. Depois disso eu sairei.

– Deus falou com Moisés que apesar de sua agora eloquente fala diante do rei, e do tipo de tratamento que estava recebendo durante todo aquele período das suas manifestações, revelando o seu poder tanto para com os egípcios quanto para os israelitas, o Faraó não ia deixá-los sair.

Porém[165] o Senhor fez com que o rei continuasse teimando.

XXVIII – Décima Praga

A morte dos Primogênitos.

“– Vou mandar mais uma praga sobre o Egito”, disse Deus a Moises.

‘Então vos deixará ir daqui. Vão expulsar vocês, é o momento de pedir aos vizinhos objetos de prata e ouro. Os egípcios presentearam ao povo com seus bens’. Deus preparou tudo isto.

– Porque há citação que na praga da morte dos primogênitos, nenhum cão iria rosnar.

O mais provável é porque aquele animal era adorado como o guardião da casa.

Aqui[166] não temos a figura de um canino, mas, de um felino. Diz o texto: – Não chore eis aqui o Leão da tribo de Judá, ele venceu para tomar o livro e abrir os seus sete selos (segredos).

Cães, raposas, chacais, lobos e outros, são parentes, e carniceiros, portanto são imundos e para os egípcios da época, os cães representavam um deus, e nada puderam fazer.

Se os cães dos filhos de Israel não iam latir, imaginem os das casas dos egípcios.

Enquanto naqueles lares havia luto, nesses havia cânticos.

Eles não iam acuar, nem aulir, muito menos balsar, nem ainda cainhar, tão pouco ganir, ganizar, nem ladrar, latir ou maticar,

ronronar, rosnar, uivar nem ulular.

Não, Israel[167] está se preparando para sair do Egito.

A coragem de Moises era incomum para um mortal, já não bastavam à miséria que assolava o Egito, com sangue nas águas, rãs espalhadas pelo país, piolhos nos animais e membros do governo até mesmo no Faraó, moscas nas feridas, dos animais, como nos pratos sobre as mesas na hora das refeições, peste nos animais, como grandes chagas, úlceras, tumores nos homens e nos animais, chuvas de granizo, que destruíram lavouras e casas, gafanhotos que devoraram o que sobrou das chuvas de granizo.

A escuridão total no país, trevas a ponto das pessoas se apalparem.

Moisés trouxe todas estas más notícias.

Agora anuncia uma ainda mais desalentadora.

‘A MORTE DOS PRIMOGÊNITOS’,

Que confiança ele tinha em Deus?

E, como você esperava que Faraó fosse reagir?

“Aconteceu[168] que à meia noite feriu o senhor Deus todos os primogênitos na terra do Egito, desde o primogênito de Faraó, que se assentava no trono, até ao primogênito dos animais, levantou-se Faraó de noite, ele e seus oficiais e todos os egípcios; e fez-se grande clamor no Egito, pois não havia casa em que não houvesse morrido um primogênito”.

Representado por um gavião, o deus responsável pela felicidade do povo, do país, vê o luto tomar conta da terra.

Foram excluídas as palavras seu neste parágrafo.

Em todos os lares, em todas as casas desde os lares mais humildes até os mais luxuosos, um não podia socorrer ao outro, pois a dor era igual.

Cada família tinha o seu próprio morto para pranteá-lo, e reclamava da presença de Moisés, e do povo de Israel em sua terra.

Faraó pediu a benção do Deus de Moisés, e mandou Israel sair, os egípcios expulsavam o povo, pelo pavor da morte, abriram mão da pretensão de ficar com a riqueza de Israel, deram presentes aos filhos de Israel, e Deus fez que o povo achasse favor dos egípcios, Israel cantou.

“SÓ O SENHOR JEOVÁ É DEUS”.

Nós também cantamos, só o Senhor Jesus Cristo nosso Salvador é o enviado de Deus para nos salvar. Aleluia!

Há tantos deuses em várias religiões, os seus servos os servem sob o medo, deuses irados, enquanto nós servimos ao Senhor que disse em sua palavra:

– Porque Deus[169] amou o mundo de tal maneira que deu o seu filho unigênito para que todo aquele que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna.

Ele nos livra do peso da Religião.

XXIX – Conclusão

Neste ensaio, falamos um pouco sobre o Egito, seu modo de adoração, apenas para chamar a atenção dos ilustres leitores sobre o assunto.

O sol nasce para todos, e poucos são os que se beneficiam dos seus raios luminosos e caloríficos, queixamos da insolação, das queimaduras, da perda na lavoura, das fontes que secam, dos animais que se sucumbem ao seu calor às vezes impiedoso.

Esquecemos, porém do sabor dos frutos, das colheitas, das piscinas, das praias, da pele bonita, e da beleza das manhas empurradas pelos seus raios.

Se o Egito foi um anzol no nariz do povo de Jacó, foi também o grande educador e preparou homens com grande maturidade e sabedoria para enfrentar desertos, falta de água, de pão e preparou também corações vulneráveis.

Se você orou algum dia por este país, deverá orar muito mais ainda, há da parte de Deus, um cuidado sobre este povo e pais.

Quem um dia poderia imaginar que Deus se servisse deles para mandar o seu filho para lá, e depois levá-lo de volta a Israel?

Pois é, os Evangelhos estão informando que ele se serviu sim do Egito. E o mais interessante é que cuidará também do país algum dia.

Quero aqui transcrever parte do que profetizou e escreveu Isaías sobre este povo.

– Naquele tempo haverá cinco cidades na terra do Egito que falarão a língua de Canaã e farão juramento ao Senhor dos Exércitos; e uma se chamará: Cidade de destruição[170].

Naquele tempo o Senhor terá um altar no meio da terra do Egito, e um monumento se erigirá ao Senhor, na sua fronteira.

E servirá de sinal e testemunho ao Senhor dos Exércitos na terra do Egito, porque ao Senhor clamarão por causa dos opressores, e ele lhes enviará um Redentor, que os livrará.

E o Senhor se dará a conhecer ao Egito, e os egípcios conhecerão ao Senhor naquele dia; sim, eles o adorarão, com sacrifícios e ofertas, e farão votos ao Senhor, e os cumprirão.

E ferirá o Senhor aos egípcios e os curará; e converter-se-ão ao Senhor, e mover-se-á às suas orações, e os curará.

Naquele tempo, haverá estrada do Egito até a Assíria e os Assírios virão ao Egito, e os egípcios irão à Assíria. E os egípcios adorarão com os Assírios ao Senhor.

Naquele dia Israel será o terceiro com os egípcios e os Assírios uma bênção no meio da terra.

Porque o Senhor dos Exércitos os abençoará, dizendo: Bendito seja o Egito, meu povo, e a Assíria, obra de minhas mãos, e Israel, minha herança’.

Minhas carnes tremem diante do Senhor Jesus, senhor da Igreja, de Israel, dos Egípcios, dos Assírios, e de todos os demais países, porém com deferência a estes.

Como dizia meu amado amigo e pastor Manuel de Santana, meu mestre, meu professor que não o vi mais, desde a década de 90.

Quantas saudades! Mas que devoção, amado, quando falava da Igreja, de Israel, do Egito e Assíria, choramos juntos muitas vezes, e nos alegraremos com novos homens e mulheres tementes a Cristo, que sem dúvida estão adorando nestes dias.

Até breve, amigos. Jesus Cristo voltará para nós. Para aqueles que o confessarem como Senhor e Salvador. Nunca esqueçam isto. Busque-o e encontrarás. Paulo o apóstolo escreveu à Igreja em Corinto:

– O ídolo nada é no mundo[171]. E, O senhor Jesus disse ao diabo:

– Ao Senhor teu Deus adorará[172], e só a Ele servirá'.

Posfácio

Para mim foi uma grande satisfação o privilégio de ser uma das primeiras pessoas a ler esta maravilhosíssima obra; intitulada: Israel Egito deuses e pragas. O reverendo, Lourenço Cardoso não é apenas um excepcional leitor; é também um exímio pesquisador.

Na leitura desta magnífica obra, você terá oportunidade de checar o que eu estou dizendo. O livro Israel Egito deuses e pragas é sem dúvida um livro sui-generis. Certamente você nunca leu nada igual. A obra é big em informações histórica e cronológica e Micro em dimensão literária.

Pelo tempo abrangente e pelo contesto das histórias narradas a literatura denominada Israel Egito deuses e pragas, poderia preencher muitas centenas de páginas de um espeço livro. Não obstante, o mestre Lourenço Cardoso, em pequenos 56 capítulos, embora você possa se quer encontra-los todos.

A obra inteira pode ser lida em um pouco mais de uma hora, embora contenha 56 capítulos. Acredito que Israel Egito deuses e pragas; seja o único livro da história literária mundial onde sua apresentação se encontra contida no capítulo de número 9. Acredito que nada nesta obra está por acaso.

O número 56, pode ser igual a onze nominalmente. E aritmeticamente pode se escreve assim: 5+6=11. O livro começa narrando um grande conflito acontecido em uma penitenciaria do império Egípcio da época dos primeiros Faraós. Os seus enigmas, superam as suas narrativas históricas e literárias.

Se você não ler todos os 56 supostos capítulos não se considere um tolo. O fato de tê-lo comprado já o identifica como uma pessoa acima do comum. Eu te aconselho! Leia o quanto puder..., e se possível leia mais do que pode as pessoas normais. A parte bíblica deste livro é um tanto cabalístico. Não sei se você sabe o significado desta palavra, mas instigo-lhe a buscar e verás não estou enganado.

Os grandes pensadores literários, certamente prefaciariam esta obra prima em no máximo três parágrafos; porém eu sendo ainda um aprendiz precisei de sete parágrafos e ainda deixei muito por dizer. Finalizo dizendo: foi para mim uma grande honra, ser convidado pelo meu grande amigo, Rev. Pr. Lourenço Cardoso a prefaciar esta brilhante obra.

Ailton Muniz de Carvalho [173]
São Paulo
Primavera de 2013.

Bibliografia

1 - História Antiga e Medieval
José Jobson de A. Arruda
Ed. Ática, 6ª edição. 1983.

2 - Almanaque Abril – Mundo.
Editora Abril – 2006

3 - Dicionário da Bíblia
John D. Davis
Casa Publicadora Batista, 5ª Edição – 1977.

4 - História dos Hebreus
Flávio Josefo; livro 1.
Casa Publicadora das Assembleias de Deus – CPAD
Edição 1990

5 - O plano divino através dos séculos
Lawrence Olson
Editora: CPAD
6ª edição-1981

*Gaston Camille Charles Maspero – Paris, 23 Junho de 1846 – 30 de Junho de 1916 Filho de pai italiano refugiado em França Gaston naturalizou-se francês ainda jovem. Aluno excepcional, cedo mostra ter uma grande aptidão para a história e, aos 14 anos de idade já se interessava pela escrita de hieróglifos.

SITES:
Google
Wikipedia
Convenção Batista do Sul
Uma igreja Batista foi formada na colônia de
Virgínia em 1715 através da pregação. Cada diácono recebe a responsabilidade de prover auxílio pastoral e trabalhando com Jimmy Carter para dirigir a reunião “Celebration of a New”

Pr. Lourenço Cardoso
Primavera, 2013.

[1] O Reverendo Dr. Samuel Cássio Ferreira é presidente da Assembleia de Deus Brás com mais de setecentas igrejas na Capital de São Paulo/SP – Brasil, e com Igrejas em todas as Cidades do Estado de São Paulo e outros Estados da Federação. Advogado, escritor, Comentarista das Revistas da Escola Bíblica Dominical e Gerente da Editora Betel, Rio de Janeiro/RJ. Diretor e apresentador do Programa “Palavra de Vida” pelas redes abertas de Televisão “TV Bandeirantes e RedeTV” e na Rádio Musical, FM 105,7 diariamente em dois horários.

[2] Cleuman Marcia Cardoso Grandi é formada pela Universidade São Camilo, e é coordenadora Educacional e professora pública Estadual/Sp.

[3] Marco Aurelio Clerris É publicitário e prefaciou “A Família Ideal” publicado em 2012. Diz ele no fim do prefacio: Descobri que não quero mais ficar longe da presença de Cristo e mesmo dentro suas limitações emocionais e racionais sabe que sem Ele nunca haverá amanhã, sem Ele não existe salvação possível. (Se referindo ao ser humano).

[4] Pr. Edvaldo M. Rodrigues, é um dos meus grandes amigos há longos anos, é engenheiro industrial na multinacional alemã Voith.

[5] Gênesis. 41: 7.

[6]Gn. Dos capítulos 37 aos 50.

[7] Prov. 17: 17. Bíblia (ntlh).

[8] Gn. 39; 2 – 6.

[9] Gn. 39; 12.

[10] Gn. 39: 12 – 15.

[11] Gn. 39: 16 – 19.

[12] Gn. 39: 19b e 20.

[13] Gn. 39: 21 – 23.

[14] Gn. 40: 4.

[15] Gn. 40: 7-8.

[16] Ne. 1: 1ª – 4.

[17] Gn. 40: 1 e 2.

[18] Gn. 40: 1 – 13.

[19] Gn. 40: 16 – 23.

[20] Gn. 41: 1 – 8a.

[21] Gn. 41: 8b.

[22] Sl. 104; 15.

[23] Pv. de Salomão; 10: 23.

[24] Gn. 41: 9 – 14.

[25] Pv. de Salomão; 21: 1.

[26] Dan. 9: 22
[27] Gn; 39: 21.
[28] Gn. 41: 14b.
[29] Gn. 37: 2
[30] Gn. 41: 1
[31] I Sm 7: 12
[32] Gn. 41: 15 – 25
[33] Gn. 41: 46
[34] Gn. 37: 2
[35] Gn. 41: 15 b
[36] Gn. 41: 16
[37] Gn. 41: 25 – 32
[38] Gn. 41: 33 – 36
[39] Gn. 41: 8b.
[40] Lc. 10: 13
[41] Gn. 41: 37 – 38
[42] Gn. 41: 39.
[43] Veja Atos dos Apóstolos cap. 5:17 - 29. 16: 19 - 25
[44] Gn. 41: 33 – 37
[45] Sl. 40: 1-3
[46] Gn. 41: 32
[47] Gn.41: 38-40
[48] Mt, 24: 35
[49] Êx: 16; 3
[50] Jó 1: 21
[51] Gên. 3: 19
[52] Êx: 1: 8
[53] Mat. 2: 13-15
[54] Mat. 2: 19-23
[55] Gen. 37: 28
[56] Gen. 39: 1
[57] Ex. 32; 1 – 6
[58] Citado por *Gastón Camille Charles Maspero
[59] Ne. 1: 11
[60] Dn. 2: 48
[61] Gn. 12: 10
[62] Gn. 42: 3

[63] Gn. 43: 1, 2
[64] Gn. 41: 53-57
[65] Gn. 45: 1 – 13
[66] Gn. 45: 16-28.
[67] Gn. 41: 40
[68] Gn. 39: 21 – 23
[69] Gn. 41: 32
[70] Gn. 41: 33 – 37
[71] Gn. 47: 13-20
[72] Gn. 35: 17-19
[73] Gn. 46: 5-8
[74] Gn. 46: 1-4
[75] Gn. 47 e 10
[76] Gn. 46:28.
[77] Gn. 46; 28-29
[78] Gn. 45:10
[79] Gn. 47: 5-10
[80] Gn. 47: 13-26
[81] Gen. 47: 26
[82] Gen. 47: 11
[83] Gen. 50: 21
[84] Gen. 50: 22, Ex. 1: 8
[85] Mat. 5: 45
[86] Gen. 50: 24-25
[87] Gen. 41: 46 e Gen. 50: 22-26
[88] Ex. 5: 6-14
[89] Gen. 15: 12-14
[90] Gen. 12: 1-13. 14-17 e Gen. 28: 13-14
[91] Gen. 3: 12
[92] Êx. 12: 16
[93] Êx. 5: 16
[94] Mat. 28: 20
[95] Êx. 3: 20
[96] Gen. 12: 17
[97] Gen. 20: 3
[98] Lc. 11: 22
[99] Ec. 12: 13

[100] Êx. 20: 2-3
[101] Êx. 3: 7-22
[102] Rom. 1: 25
[103] Ec. 7: 29
[104] Ef. 4: 14
[105] Heb. 11: 24-28
[106] Mat. 1: 23
[107] Êx. 2: 11-12
[108] Êx. 2: 13-14
[109] Êx. 4: 22-23
[110] Êx. 7: 10-12
[111] João. 7: 37-39
[112] Êx. 7: 21
[113] Êx. 3: 20
[114] Êx. 5: 2
[115] Êx. 7: 22
[116] Gl. 6: 7
[117] Êx. 8:3-4
[118] Êx. 4: 30-31
[119] Gn. 41: 44
[120] Êx. 5: 2
[121] Jz. 2: 10
[122] Êx. 8: 13
[123] Ex. 8: 14
[124] Ex. 8: 16 a 19
[125] At. 17, 23
[126] Ex. 8: 16-19
[127] Ex. 8: 20 e 23
[128] Pv. 29:18
[129] Pv. 29:18 blh.
[130] Êx. 8: 20 a 22
[131] Êx. 8: 23
[132] Jn. 3: 6 – 9
[133] Mt. 11: 28
[134] Is. 1: 18 e 19
[135] Ap. 3: 10
[136] Êx. 8: 25-26

[137] Êx. 8:28
[138] Êx. 9: 1-7
[139] Êx. 9: 7.
[140] Êx. 33: 19
[141] Jó 2: 4 -8
[142] Êx. 9: 8 – 12
[143] Is. 1: 19
[144] Êx. 9: 13-33
[145] I Rs 18: 28 e 29
[146] Mc. 4: 35 – 41
[147] Ex. 10: 1 - 6
[148] Êx. 10: 16-17
[149] Am. 7:1-2
[150] Êx. 10: 7
[151] Êx. 10: 8
[152] Êx. 10: 9
[153] Êx. 10: 11
[154] Êx. 10: 13 – 14
[155] Êx. 10: 16
[156] Êx. 10: 18
[157] Êx. 10: 21
[158] Êx. 10: 22
[159] Sal. 84: 11
[160] Êx. 10: 24
[161] Job: 38: 19
[162] Êx. 11: 3
[163] Êx. 11: 1
[164] Êx. 11: 4-8
[165] Êx. 11: 10
[166] Ap. 5:5
[167] Êxodo, 11; 7
[168] Êx. 12: 29-30
[169] Jo 3: 16
[170] Is. 19: 18-25
[171] I Cr. 8:4
[172] Mt. 4: 10

[173] Ailton Muniz de Carvalho é engenheiro industrial, escritor, professor de teologia, autor dos títulos: A Genealogia dos alienígenas. Cidadão dos Céus poderá ser indivíduo na terra? Como falar com Deus corretamente. Conheça-me eu também era como você cheio de dúvidas. Deus e a história bíblica dos seus dias da criação. Dez mandamentos de um lidere idôneo para o século XXI. Façam tudo o quanto ele vos disser. O Cristo desconhecido dos judeus, da ciência, da história e até mesmo dos cristãos. Maomé X Cristo. O Poder do Louvor à luz da Bíblia e da física atômica. O Demônio que o TAO de CRISTO não conseguiu vencer e outros.